

Universidade Federal de Uberlândia
Curso de Letras/Inglês

**INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM
INTEGRADA À PRÁTICA EDUCATIVA (PIPE 1)**

Profa. Maria Aparecida Resende Ottoni

089i Ottoni, Maria Aparecida Resende.
Introdução aos estudos da linguagem integrada à prática educativa
(PIPE 1) / Maria Aparecida Resende Ottoni. -- Uberlândia: UFU, CEAD, 2017.

97 p. : il.
Inclui bibliografia.

Curso de Letras - Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua
Inglêsa.

ISBN: 9788568351710

1. Linguística. 2. Análise linguística. I. Título.

CDU: 801

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
Michel Miguel Elias Temer

MINISTRO DA EDUCAÇÃO
José Mendonça Bezerra Filho

UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA/CAPES
Carlos Cezar Modernel Lenuzza

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU
REITOR
Valder Steffen Júnior

VICE-REITOR
Orlando César Mantese

CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
DIRETORA E REPRESENTANTE UAB/UFU
Maria Teresa Menezes Freitas

SUPLENTE UAB/UFU
Aléxia Pádua Franco

INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA - ILEEL - UFU
DIRETOR
Ariel Novodvorski

CURSO DE LETRAS INGLÊS - LICENCIATURA EM INGLÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA INGLESA

COORDENADORA
Emeli Borges Pereira Luz (Inglês)

EQUIPE DO CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA UFU - CEAD/UFU

ASSESSORA DA DIRETORIA
Sarah Mendonça de Araújo

EQUIPE MULTIDISCIPLINAR
Alberto Dumont Alves Oliveira
Darcus Ferreira Lisboa Oliveira
Dirceu Nogueira de Sales Duarte Júnior
Gustavo Bruno do Vale
Otaviano Ferreira Guimarães

RESPONSÁVEL PELO SETOR DE TECNOLOGIA
Eucídio Pimenta Arruda

RESPONSÁVEL PELO SETOR PEDAGÓGICO
Marisa Pinheiro Mourão

EQUIPE DE ESTAGIÁRIOS DO CEAD E DO CURSO DE LETRAS INGLÊS

Gabrieli Mazzola
Lívia de Souza Blondin
Ludmila Cruz Rezende Senna e Silva
Maria Gabriela Vieira Alves
Márlia Regina Ribeiro de Melo
Matheus Martins Ananias Xavier
Raquel Pereira de Lima
Webert Silva de Paula

SUMÁRIO

SUMÁRIO	5
FIGURAS	8
INFORMAÇÕES	9
SOBRE A AUTORA	10
SOBRE A DISCIPLINA	12
CRONOGRAMA	14
SOBRE O PROJETO INTEGRADO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS 1	15
AGENDA DA DISCIPLINA	18
AGENDA DO MÓDULO 1	19
SUMÁRIO SEMANAL	21
<i>Módulo 1 - Os estudos linguísticos pré-saussureanos</i>	21
ATIVIDADE 1: LEITURA DO GUIA IMPRESSO	22
ATIVIDADE 2: FÓRUM DE APRESENTAÇÃO	22
ATIVIDADE 3: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS	22
1 - CONCEITUANDO LÍNGUA E LINGUAGEM	23
I - ATIVIDADES DO GUIA IMPRESSO	23
II - LEITURA COMPLEMENTAR	25
III - ATIVIDADE 4: ASSISTINDO AOS VÍDEOS SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM HUMANA	26
IV - ATIVIDADE 5: FÓRUM DE DISCUSSÃO	26
V - ATIVIDADE 6: LEITURA DE TEXTO DO GUIA IMPRESSO	26
2 – O QUE É LINGUÍSTICA?	27
VI - LEITURA COMPLEMENTAR	30
3 - ESTUDOS LINGUÍSTICOS PRÉ-SAUSSAREANOS: OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS COMPARATISTAS E HISTÓRICOS DO SÉCULO XIX	30
VII - ATIVIDADE 7: CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA	33
VIII - LEITURA COMPLEMENTAR	34
IX - REFERÊNCIAS	35
ANOTAÇÕES	36

SUMÁRIO

AGENDA DO MÓDULO 2	37
SUMÁRIO SEMANAL	39
Módulo 2 - Estruturalismo	39
I - ATIVIDADE 8 - ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS	40
II - ATIVIDADE 9 - LEITURA DO GUIA DE ESTUDOS IMPRESSO	40
1 - FERDINAND DE SAUSSURE E O ESTRUTURALISMO	41
2 - O SIGNO LINGUÍSTICO E AS DICOTOMINAS SAUSSUREANAS	43
2.1 - O SIGNO LINGUÍSTICO: SIGNIFICANTE + SIGNIFICADO	43
2.2 - CARACTERÍSTICAS DO SIGNO LINGUÍSTICO	45
2.3 - LÍNGUA E FALA	45
III – LEITURA COMPLEMENTAR	46
2.4 - PARADIGMA E SINTAGMA	47
2.5 - SINCRONIA E DIACRONIA	48
3 - O ESTRUTURALISMO NORTE-AMERICANO	49
IV - ATIVIDADE 10: ASSISTINDO A UM VÍDEO	50
V - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR	51
VI - ATIVIDADE 11: PRODUÇÃO DE UMA SÍNTESE	51
VII - ATIVIDADE 12: CONTINUAÇÃO DA CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA	52
VIII - REFERÊNCIAS	53
ANOTAÇÕES	54
AGENDA DO MÓDULO 3	55
SUMÁRIO SEMANAL	57
Módulo 3 - Gerativismo	57
I - ATIVIDADE 13: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS	58
II - ATIVIDADE 14: LEITURA DO GUIA DE ESTUDOS	58
1 - O GERATIVISMO	59
1.1 - COMPETÊNCIA E DESEMPENHO	61
1.2 - A GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL	62
III - ATIVIDADE 15: LEITURA E ESTUDO DE TEXTO	64
IV - ATIVIDADE 16: CONTINUAÇÃO DA CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA	64
V - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR	65
VI - REFERÊNCIAS	66

SUMÁRIO

AGENDA DO MÓDULO 4	67
SUMÁRIO SEMANAL	69
Módulo 4 - Funcionalismo	69
1 - O FUNCIONALISMO EM LINGUÍSTICA	71
I - ATIVIDADE 17: LEITURA DO GUIA IMPRESSO	71
1.1 - O FUNCIONALISMO EUROPEU: A ESCOLA DE PRAGA, A ESCOLA DE LONDRES E O GRUPO HOLANDÊS	72
II - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR	74
1.2 - O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO	75
III - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR	76
IV - ATIVIDADE 18: PARTICIPANDO DE UM FÓRUM	76
V - ATIVIDADE 19: CONTINUAÇÃO DA CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA	77
VI - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR	78
VII - REFERÊNCIAS	79
ANOTAÇÕES	80
AGENDA DO MÓDULO 5	81
ANOTAÇÕES	84
SUMÁRIO SEMANAL	85
Módulo 5 - Teorias da Enunciação	85
1 - TEORIAS DA ENUNCIÇÃO	87
I - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR	87
1.1 - A ORIGEM DA NOÇÃO DE ENUNCIÇÃO E OS ESTUDOS DE ÉMILE BENVENISTE	88
1.2 - ALGUNS REPRESENTANTES DAS TEORIAS DA ENUNCIÇÃO	90
II - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR	92
III - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR	93
IV - ATIVIDADE 22: WIKI - AS TEORIAS DA ENUNCIÇÃO	93
V - ATIVIDADE 23: CONTINUAÇÃO DA CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA	94
VI - ATIVIDADE 24: ENVIO DE PORTIFÓLIO - PIPE1	95
VII - REFERÊNCIAS	96
ANOTAÇÕES	97

FIGURAS

Figura 1: Ferdinand de Saussure, o fundador da linguística moderna.	27
Figura 2: O signo linguístico	43
Figura 3: O signo livro	44
Figura 4: Diagrama arbóreo ou árvore	63

INFORMAÇÕES

Caro/a aluno/a:

Ao longo deste guia impresso você encontrará alguns “ícones” que lhe ajudarão a identificar as atividades.

Fique atento/a ao significado de cada um deles. Isso facilitará a sua leitura e seus estudos.



Áudio



Vídeo



Leituras
Indicadas



Multimídia



Atividades
Guia Impresso



Atividades
Ambiente Virtual



Saiba Mais



Pare e Pense



Pesquisando
na rede



Referências

Espero que possamos realizar uma boa parceria!

SOBRE A AUTORA

Maria Aparecida Resende Ottoni

Professora do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU). cursou graduação em Letras – Português/Inglês e mestrado em Linguística na UFU. É doutora em Linguística pela Universidade de Brasília. Atuou como assistente administrativo na UFU, como professora do ensino fundamental na Escola de Educação Básica da UFU (ESEBA) e como professora do ensino superior em faculdade particular. Atualmente é líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Análise de Discurso Crítica e Linguística Sistêmico-Funcional e membro de grupos de pesquisa e estudo vinculados ao ILEEL/UFU e do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/CEAM/UnB). Tem experiência na área de Letras e Linguística, com ênfase nos seguintes temas: gêneros; ensino de Língua Portuguesa; humor; análise crítica dos discursos; identidade; representação de atores sociais.

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a):

É com muito prazer que iniciamos a disciplina “Introdução aos Estudos da Linguagem integrada à prática educativa (PIPE 1)” do Curso de Letras - Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa.

Espero que você esteja motivado para o início desta nova etapa de sua vida. Certamente, tudo o que você estudar nesta disciplina e nas outras que compõem o curso enriquecerá a sua formação profissional e contribuirá para o seu crescimento intelectual e pessoal.

O objetivo principal desta disciplina é iniciá-lo nos estudos sobre linguagem, propiciando-lhes um entendimento sobre as teorias linguísticas mais representativas dos séculos XIX, XX e XXI. Tudo isso lhes servirá de subsídio ao longo de todo o curso.

É importante lembrá-lo de que a leitura desse guia deve ser articulada ao Ambiente Virtual de Aprendizagem (Moodle). Você também deve estar atento às orientações que receberá ao longo do curso, por meio do seu(a) tutor(a).

Considerando a ementa e os objetivos da disciplina, organizamo-la nos seguintes módulos:

Módulo 1 – Estudos linguísticos pré-saussureanos

Módulo 2 – O estruturalismo

Módulo 3 – O gerativismo

Módulo 4 - O funcionalismo

Módulo 5 – Teorias da enunciação

Cada um desses módulos tem a duração de uma semana, conforme você verá no cronograma geral e no mapa de atividades.

Nossas atividades iniciam-se sempre às terças-feiras e finalizam-se sempre às segundas-feiras. Tenha sempre em mente essas referências temporais, para sua organização de estudos.

Procure ler com atenção o material, assistir aos vídeos e fazer todas as atividades propostas, incluindo as que não valem nota.

Desejamos-lhe sucesso em seus estudos!

SOBRE A DISCIPLINA

INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS DA LINGUAGEM INTEGRADA À PRÁTICA EDUCATIVA (PIPE 1)

Esta disciplina constitui uma introdução de suma importância a alunos(as) de um curso de Letras.

Nela, vamos tratar da pluralidade teórica na Linguística, do estudo da constituição da Língua como objeto da Linguística, dos conceitos de Língua e linguagem. Vamos, ainda, explicitar as teorias linguísticas mais representativas dos séculos XIX, XX e XXI e a constituição das áreas da Linguística. Todos esses conhecimentos serão fundamentais aos(as) alunos(as) para um melhor entendimento das outras disciplinas do curso.

Como a disciplina está atrelada à prática educativa (PIPE 1), vocês terão, ainda, a oportunidade de fazer uma investigação, na qual relacionarão teoria e prática.

Os objetivos que nortearão esta disciplina são:

Parte teórica

- Apresentar as epistemes mais relevantes da História da Linguística;
- Desenvolver noções como teoria, objeto, método e instrumentos de análise;
- Propiciar reflexões em torno da constituição dos saberes.

Parte prática

A partir da temática: as concepções de Língua e linguagem e suas formas de funcionamento:

- Investigar a concepção de linguagem em materiais didáticos utilizados na escola onde o aluno-professor trabalha, ou em outra escola;
- Investigar os conceitos de Língua e aprendizagem de Língua nos materiais utilizados pelo aluno-professor, ou por outro professor;
- Refletir criticamente sobre os resultados dessas investigações, à luz dos conhecimentos teóricos construídos na disciplina.

Para atingir esses objetivos, nós seguiremos o seguinte **programa**:

- Estudos linguísticos pré-saussureanos
- Estruturalismo
- Gerativismo
- Funcionalismo
- Teorias da enunciação

Principais materiais didáticos utilizados no curso :

- Guia Impresso
- Ambiente Virtual de Aprendizagem - Moodle.
- Materiais complementares.

Tempo de dedicação na disciplina

- Total de 105 horas, sendo 60 horas de parte teórica e 45 horas de parte prática. Esse total é distribuído em:
 - 08 horas presenciais (divididas em dois encontros presenciais de 04 horas cada) e
 - 97 horas à distância: ambiente Moodle

Você deverá planejar cuidadosamente a distribuição do seu tempo no decorrer dos estudos. No entanto, a sugestão é que você empregue, no mínimo, 15 horas semanais para cada módulo. Essas horas serão distribuídas entre atividades e avaliações desenvolvidas no AVA, leitura do material impresso e da bibliografia de apoio.

Principais formas de avaliação

A avaliação será processual e ocorrerá ao longo de todas as semanas do curso, sendo considerado requisito para a aprovação no curso a participação em, pelo menos, 75% das atividades programadas. Serão apresentadas avaliações abertas, fechadas, fóruns, etc. e elas serão realizadas pelo AVA e presencialmente. Toda e qualquer atividade, ainda que não lhe seja atribuída nota, será acompanhada pelos responsáveis.

Segundo legislação relativa à educação à distância, os 100 pontos serão distribuídos da seguinte forma:

- 60 pontos – prova
- 20 pontos – portfólio (PIPE 1)
- 20 pontos – atividades diversas realizadas ao longo do curso

Apoio e acompanhamento

Durante todo o curso, você terá o apoio pedagógico e tecnológico para:

- Desenvolver as atividades propostas;
- Entrar no ambiente virtual de aprendizagem Moodle;
- Participar de fóruns, chats e demais atividades comunicativas;
- Enviar materiais relativos às atividades de colaboração;
- Realizar as avaliações e esclarecer quaisquer dúvidas sobre o curso.

Algumas ações permanentes do(a) aluno(a) ao longo do curso:

- Leitura frequente do quadro de avisos;
- Leitura frequente da caixa de e-mail;
- Envio de mensagens para desenvolvimento das atividades e
- Desenvolvimento de atividades colaborativas.

CRONOGRAMA

1ª semana	2ª semana	3ª semana	4ª semana	5ª semana
Módulo I Estudos linguísticos pré-saussureanos	Módulo II O Estruturalismo	Módulo III O Gerativismo	Módulo IV O Funcionalismo	Módulo V Teorias da Enunciação
20 h, sendo 8h práticas (PIPE1) e 12h teóricas	20 h, sendo 08h práticas (PIPE1) e 12h teóricas	20 h, sendo 08h práticas (PIPE1) e 12h teóricas	20 h, sendo 8h práticas (PIPE1) e 12h teóricas	25 h, sendo 13h práticas (PIPE1) e 12h teóricas

SOBRE O PROJETO INTEGRADO DE PRÁTICAS EDUCATIVAS 1

De acordo com o Projeto Pedagógico de nosso curso, as Práticas Educativas fazem parte do Projeto Integrado de Práticas Educativas – PIPE, estão integradas a componentes curriculares dos núcleos de formação específica e pedagógica e serão vivenciadas ao longo de todo o curso.

Essa integração tem o objetivo de promover a investigação de diferentes aspectos do ensino de Língua Inglesa nos materiais didáticos e na prática de sala de aula, na educação básica.

As Práticas Educativas constituem um componente de natureza interdisciplinar, que reúne atividades práticas relativas à formação do aluno e/ou do professor-aluno. Elas preveem o desenvolvimento de ações didático-pedagógicas, bem como a reflexão sobre os processos de ensino e aprendizagem na área de atuação específica do estudante. Sua execução proporcionará ao aluno a oportunidade de analisar e refletir sobre o fazer no contexto escolar, sobre os materiais utilizados na prática docente e sobre a realidade da educação na sociedade atual. Proporcionará ainda, aos discentes, que já atuam como professores, a possibilidade de reestruturar o seu fazer e reconfigurar a sua prática, à luz dos conhecimentos teórico-metodológicos adquiridos ao longo do curso.

As Práticas Educativas serão desenvolvidas com ênfase nos procedimentos de: reflexão sobre o trabalho desenvolvido pelos alunos-professores ou por professores da Educação Básica em sala de aula, com o registro dessa reflexão, de resolução de situações-problema e de ação na prática.

O resultado das várias Práticas Educativas desenvolvidas ao longo do curso será exposto em dois momentos ao longo do curso: no 4º período, quando será realizado o Seminário 1 do Projeto Integrado de Práticas Educativas; e no 8º período, quando será realizado o Seminário 2 do Projeto Integrado de Práticas Educativas. Dessa forma, todo o trabalho desenvolvido ao longo do curso e o fruto da integração das Práticas Educativas a disciplinas da Formação Específica e da Formação Pedagógica, culminarão no Seminário 2.

De acordo com o Projeto Integrado de Práticas Educativas, cada Prática Educativa seguirá uma temática, com objetivos que a nortearão e que estão diretamente relacionados à disciplina.

Nossa disciplina é atrelada à Prática Educativa 1. O Projeto Pedagógico do Curso prevê, a partir da temática: concepções de língua e linguagem e do conhecimento adquirido acerca das teorias linguísticas:

- Investigar a concepção de linguagem em materiais didáticos utilizados em escolas de educação básica;
- Investigar os conceitos de língua e aprendizagem de língua nos materiais utilizados pelo aluno-professor ou por outro professor;
- Refletir criticamente sobre os resultados dessas investigações, à luz dos conhecimentos teóricos construídos na disciplina.

Ao longo do curso, você fará uma investigação pautada na proposta apresentada e a apresentará em forma de um portfólio.

Portfólio: é a identificação e a construção de registro, análise, seleção e reflexão de produções mais significativas ou identificação dos maiores desafios em relação a um objeto de estudo. As principais operações são: identificação, obtenção e organização de dados, interpretação, crítica, análise e reelaboração. Pode evidenciar o registro do processo de construção de uma atividade, de um bloco de aulas, fase, módulo etc. Os registros podem conter trabalhos de pesquisa, texto individuais e coletivos, considerações importantes etc. (ARRUDA & MOURÃO, 2010, 137-8).

Qual é a proposta de nosso PIPE 1?

Nosso foco será a investigação das concepções de língua, de linguagem e de aprendizagem de língua em materiais didáticos. Para realizá-la, você deverá entrevistar 03 (três) professores de língua inglesa que ministrem aulas no Ensino Fundamental, no Ensino Médio ou em escolas de idiomas e coletar dados do material didático por eles utilizado.

As entrevistas deverão ser gravadas e depois transcritas, para garantir a fidedignidade dos dados.

Para a realização dessas entrevistas, é importante que você tenha um roteiro com algumas perguntas que poderão ser feitas ao professor. Vejamos algumas sugestões:

- a) Qual é o seu nível de escolaridade?
- b) Há quanto tempo atua como docente?
- c) Quais disciplinas você comumente ministra?
- d) Você adota algum livro didático? Se sim, qual? Se não, qual outro material utiliza?
- e) Qual é a concepção de língua que você adota na sua prática? Ela é a mesma explicitada no material didático que usa?
- f) Qual é a concepção de linguagem que você adota na sua prática? Ela é a mesma explicitada no material didático que usa?
- g) Qual é a concepção de aprendizagem de língua que predomina na sua prática e no material com o qual trabalha?

Você não pode se esquecer de identificar o entrevistado por meio de um código, para preservar a identidade dele. Você deve também registrar a referência completa do(s) material(is) didático(s) utilizado(s) por cada entrevistado. Tudo isso irá compor o seu portfólio.

É importante que você colete dados dos materiais utilizados pelos entrevistados que ilustrem as concepções de língua, de linguagem e de aprendizagem de línguas neles presentes.

Depois de concluída toda a coleta de dados (entrevistas e cópia de partes dos materiais), você vai analisá-los, no sentido de identificar a qual(is) teoria(s) estudada(s) eles se vinculam.

E, como não poderia faltar, em seu portfólio deve constar uma reflexão acerca da disciplina, do PIPE 1 e dos resultados de sua investigação.

Em relação à estrutura de seu portfólio, ele deve conter:

- a) Capa
- b) Página de rosto
- c) Sumário
- d) Introdução (nesta parte, você deve dizer que o trabalho foi produzido como parte das

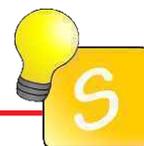
- atividades da disciplina – colocar o nome - ; você deve apresentar os objetivos do PIPE 1 e os motivos pelos quais ele se justifica; você deve informar como seu portfólio foi organizado)
- e) Procedimentos metodológicos (nesta parte você vai detalhar os passos que seguiu para a realização de seu trabalho)
 - f) Apresentação dos dados (nesta parte, você vai apresentar as transcrições das entrevistas, as informações sobre os entrevistados e os trechos dos materiais didáticos)
 - g) Análise dos dados (nesta parte, você vai analisar os dados, no sentido de identificar a qual(is) teoria(s) estudada(s) eles se vinculam).
 - h) Reflexão sobre a disciplina e sobre a investigação (nesta parte você vai apresentar a sua reflexão acerca da disciplina, do PIPE 1 e dos resultados de sua investigação).
 - i) Anexos (se necessário)
 - j) Referências (nesta parte você vai listar os textos teóricos utilizados para a produção de seu portfólio.)

Como foi dito, seu portfólio valerá 20 pontos e você terá 45 horas, dentro das 105 h de nossa disciplina, para realizar este trabalho.

Não deixe para fazê-lo somente nas últimas semanas do curso. É importante que você faça um pouco do trabalho em cada módulo.

Você contará com o apoio dos tutores e com a minha orientação.

Tenho certeza de que teremos um ótimo resultado.



Para saber mais sobre portfólio, acesse o arquivo em PDF – Roteiro Portfólio -, disponível no AVA. Acesse também o seguinte site: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Portfólio>

AGENDA DA DISCIPLINA

SEMANA	MÓDULO	CARGA HORÁRIA	ATIVIDADES / DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
1ª semana	Módulo I Estudos linguísticos pré-saussureanos	20h, sendo 8h práticas (PIPE1) e 12h teóricas	Atividade 1: Leitura do guia de estudos Atividade 2: Fórum de Apresentação Atividade 3: Elaboração do plano de estudos Atividade 4: Assistindo aos vídeos sobre língua e linguagem humana Atividade 5: Fórum de discussão Atividade 6: Texto do guia impresso Atividade 7: Criação de um glossário da disciplina Atividade: Leitura complementar	Fórum de discussão Valor: 4 pontos
2ª semana	Módulo II O Estruturalismo	20h, sendo 08h práticas (PIPE1) e 12h teóricas	Atividade 8: Elaboração do plano de estudos Atividade 9: Leitura do guia de estudos Atividade 10: Assistindo a um vídeo Atividade: Leitura complementar Atividade 11: Produção de uma síntese Atividade 12: Continuação da criação de um glossário da disciplina	Produção de uma síntese Valor: 4 pontos
3ª semana	Módulo III O Gerativismo	20h, sendo 08h práticas (PIPE1) e 12h teóricas	Atividade 13: Elaboração do plano de estudos Atividade 14: Leitura do guia de estudos Atividade 15: Leitura de um artigo de Eduardo Kenedy (2008), disponível no AVA e estudo de texto. Atividade 16: Continuação da criação de um glossário da disciplina Atividade: Leitura Complementar	Estudo de texto Valor: 4 pontos
4ª semana	Módulo IV O Funcionalismo	20h, sendo 8h práticas (PIPE1) e 12h teóricas	Atividade 17: Leitura do guia de estudos Atividade: Leitura complementar Atividade 18: Participando de um Fórum de Discussão Atividade 19: Continuação da criação de um glossário da disciplina Atividade: Leitura complementar	Fórum de discussão Valor: 4 pontos
5ª semana	Módulo IV Teorias da Enunciação	25h, sendo 13h práticas (PIPE1) e 12h teóricas	Atividade 20: Elaboração do plano de estudos Atividade 21: Leitura do guia de estudos Atividade: Leitura Complementar Atividade 22: Wiki – Teorias da enunciação Atividade 23: Continuação da criação de um glossário da disciplina Atividade 24: Envio de portfólio – PIPE 1	Wiki Valor: 4 pontos
Valor da prova: 60 pontos				

PRODUÇÃO DE PORTFÓLIO – PIPE 1 – 20 pontos

AGENDA DO MÓDULO 1

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>Estudos linguísticos pré-saussureanos</p> <p>1. CONCEITOS DE LÍNGUA, LINGUAGEM</p> <p>2. CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM HUMANA</p>	<p>Atividade 1: Leitura do guia de estudos</p> <p>Atividade 2: Fórum de Apresentação</p> <p>Nas disciplinas anteriores, você já se apresentou, já falou um pouco sobre seus interesses, sobre sua vida, certo? Neste fórum, então, você pode complementar as informações já apresentadas. Além disso, nele você deve dizer quais são suas expectativas com relação a esta disciplina e quais têm sido suas impressões sobre o curso de Letras/Inglês.</p> <p>Atividade 3: Elaboração do plano de estudos</p> <p>A disciplina que estamos iniciando é fundamental dentro do curso de Letras. Ela fornece subsídios aos/às alunos/as para o estudo e aprofundamento de muitas questões importantes sobre a linguagem e sobre a Linguística.</p> <p>Neste primeiro módulo, vamos nos concentrar nos estudos linguísticos pré-saussureanos.</p> <p>Antes de iniciar a leitura do primeiro texto previsto para este módulo, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos. Esse planejamento é fundamental para que você se organize em relação aos novos e importantes conhecimentos que está adquirindo. Portanto, vamos ao plano! Sua primeira tarefa é organizar-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.</p> <p>Atividade 4: Assistindo aos vídeos sobre língua e linguagem humana</p> <p>Para ampliar seus conhecimentos sobre o tema, é importante que você assista aos dois vídeos disponíveis nos seguintes links:</p> <p>http://www.youtube.com/watch?v=1pde_AxuMUY&feature=related</p> <p>http://www.youtube.com/watch?v=8ndOTKoKggA</p> <p>Vejam-os uma primeira vez, para ter uma noção do todo. Depois, volte a assistir aos vídeos e anote as informações mais importantes.</p> <p>Atividade 5: Fórum de discussão: Com base no que você registrou no guia impresso e nos vídeos aos quais assistiu, apresente uma definição para língua e para linguagem e destaque a importância que ambas têm em nossa sociedade.</p> <p>Além disso, é importante que você comente a resposta de pelo menos um/a colega.</p>	<p>SOBRE A ATIVIDADE 5: Fórum de discussão</p> <p>Valor: 0- 4 pontos</p>

<p>3. CONCEITO DE LINGÜÍSTICA</p> <p>4. OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS COMPARATIVAS E HISTÓRICOS DO SÉCULO XIX</p>	<p>Atividade 6 – texto do guia impresso</p> <p>Atividade 7 – Criação de um glossário da disciplina</p> <p>Após a leitura de todo o material referente ao módulo 1 e a sua participação no fórum de discussão, você já deve ter noções importantes sobre língua, linguagem, linguística e sobre os estudos linguísticos pré-saussureanos. Agora, queremos que você nos ajude a criar um glossário colaborativo com conceitos apresentados no módulo 1.</p> <p>De tudo que foi visto no módulo, você deve selecionar cinco palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, é importante reler o guia para esclarecer suas dúvidas.</p> <p>Orientações para o desenvolvimento da atividade:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Clique em inserir novo item. 2. Digite o conceito e/ou explicação. 3. Clique em salvar mudanças. 4. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 5 itens. <p>Como é um glossário colaborativo, nós precisamos auxiliar nossos parceiros, certo? Então, acesse os cinco itens inseridos por um/a colega, clique em “Comentário”. Em seguida, redija um comentário referente ao que seu/sua colega escreveu sobre cada um dos cinco itens.</p> <p>Dado o caráter teórico da disciplina, nós continuaremos criando esse glossário ao longo de todo o curso para que, ao final dele, você tenha registrado os principais conceitos estudados.</p>	<p>Atividade 7: Criação de um glossário da disciplina</p>
	<p>Atividade: Leitura complementar</p> <p>Para ampliar um pouco mais seus conhecimentos sobre o assunto tratado no módulo 1, sugerimos a leitura das páginas 1-4 do seguinte texto:</p> <p>GONÇALVES, C. F. P.; SANTOS, M. B. dos. E surgiu, então, a Linguística. CIÊNCIA E CONHECIMENTO: REVISTA ELETRÔNICA DA ULBRA. SÃO JERÔNIMO – VOL. 01, 2007, LETRAS, A. 1, 1-8. Disponível em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/silvanaayub/celem_2012/artigos/9_E%20surgiu-%20entao-%20a%20Linguistica.pdf/view</p>	

Módulo 1 - Os estudos linguísticos pré-saussureanos

Conteúdos básicos

- conceitos de lí ngua, linguagem
- caracterí sticas da linguagem humana
- conceito de linguí stica
- os estudos linguí sticos comparatistas e históricos do século XIX

Objetivos

- conceituar lí ngua, linguagem e linguí stica;
- Apresentar os estudos linguí sticos pré- saussureanos.

Caro(a) aluno(a):

É com muito prazer que iniciamos o primeiro módulo da disciplina “Introdução aos Estudos da Linguagem integrada à prática educativa (PIPE 1)” do Curso de Letras - Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa.

Neste módulo apresentaremos algumas definições de língua e de linguagem, trataremos do termo “linguística” e faremos uma exposição sobre os estudos linguísticos comparatistas e históricos do século XIX.

Seja bem-vindo(a) à primeira etapa de sua formação no Curso de Letras - Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa!

Principais materiais

Neste módulo, além do guia de estudos impresso, você assistirá a alguns vídeos, fará leituras de hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 20 horas, distribuídas entre: encontro presencial, leitura do material didático e desenvolvimento de atividades avaliativas.

Principais formas de avaliação

Fórum de discussão.

ATIVIDADE 1: LEITURA DO GUIA IMPRESSO

ATIVIDADE 2: FÓRUM DE APRESENTAÇÃO

Nas disciplinas anteriores, você já se apresentou, já falou um pouco sobre seus interesses, sobre sua vida, certo? Neste fórum, então, você pode complementar as informações já apresentadas. Além disso, nele você deve dizer quais são suas expectativas com relação a esta disciplina e quais têm sido suas impressões sobre o curso de Letras/Inglês.

ATIVIDADE 3: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS

A disciplina que estamos iniciando é fundamental dentro do curso de Letras. Ela fornece subsídios aos(as) alunos(as) para o estudo e aprofundamento de muitas questões importantes sobre a linguagem e sobre a Linguística.

Neste primeiro módulo, vamos nos concentrar nos estudos linguísticos pré-saussureanos.

Antes de iniciar a leitura do primeiro texto previsto para este módulo, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos. Esse planejamento é fundamental para que você se organize em relação aos novos e importantes conhecimentos que está adquirindo. Portanto, vamos ao plano! Sua primeira tarefa é organizar-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.

1 - CONCEITUANDO LÍNGUA E LINGUAGEM



I - ATIVIDADES DO GUIA IMPRESSO

Questão inicial: Escreva abaixo como você define Língua e linguagem.

Você já pensou na importância que a linguagem tem em nossa sociedade? Por meio dela, expressamos nossas emoções, sentimentos, idéias; nós criamos e transformamos. Ela constitui a sociedade e é por ela constituída a pertença ao domínio individual e ao social.

Cunha, Costa e Martelotta (2008, p. 15-6) consideram que o termo linguagem apresenta mais de um sentido.

Ele é comumente empregado para referir-se a qualquer processo de comunicação, como a linguagem dos animais, a linguagem corporal, a linguagem das artes, a linguagem da sinalização, a linguagem escrita, entre outras. Nessa acepção, as línguas naturais, como o português ou o italiano, por exemplo, são formas de linguagem, já que constituem instrumentos que possibilitam o processo de comunicação entre os membros de uma comunidade.

Entretanto, os linguistas – cientistas que se dedicam à linguística – costumam estabelecer uma relação diferente entre os conceitos de linguagem e língua. Entendendo linguagem como uma habilidade, os linguistas definem o termo como a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas. Por sua vez, o termo “língua” é normalmente definido como um sistema de signos vocais¹ utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística.

Quando falamos, então, que os linguistas estudam a linguagem, queremos dizer que, embora observem a estrutura das línguas naturais, eles não estão interessados apenas na estrutura particular dessas línguas, mas nos processos que estão na base da sua utilização como instrumentos de comunicação. Em outras palavras, o linguista não é necessariamente um poliglota ou um conhecedor do funcionamento específico de várias línguas, mas um estudioso dos processos através dos quais essas várias línguas refletem, em sua estrutura, aspectos universais essencialmente humanos.

Será que podemos falar que há uma linguagem animal?

É possível perceber que os animais conseguem exteriorizar o medo e a cólera, por exemplo, por meio de determinados sons ou gestos. Isso é uma forma de comunicação entre os animais, mas será que podemos dizer que é linguagem?

Ozoólogo Karl von Frisch estudou o comportamento das abelhas e efetuou importantes descobertas sobre os sentidos dos insetos e sua utilização pelos membros de uma sociedade para trocar informações. Ele observou que a obreira, quando encontra uma fonte de alimento, comunica ao resto da colméia a localização da fonte por meio de dois tipos de dança: a dança circular, para indicar que a comida se encontra num raio de menos de 75m, e a agitação violenta do abdomen, que assinala distâncias maiores.

Sem dúvida, é um sistema de comunicação preciso e útil para esses animais, mas, como argumenta Lopes (1980, p. 36), “esse sistema de comunicação entre as abelhas – ou outro tipo qualquer de sistema de comunicação utilizado pelos animais -, não constitui, ainda, uma linguagem, pelo menos no sentido em que utilizamos o termo quando falamos de linguagem humana”.

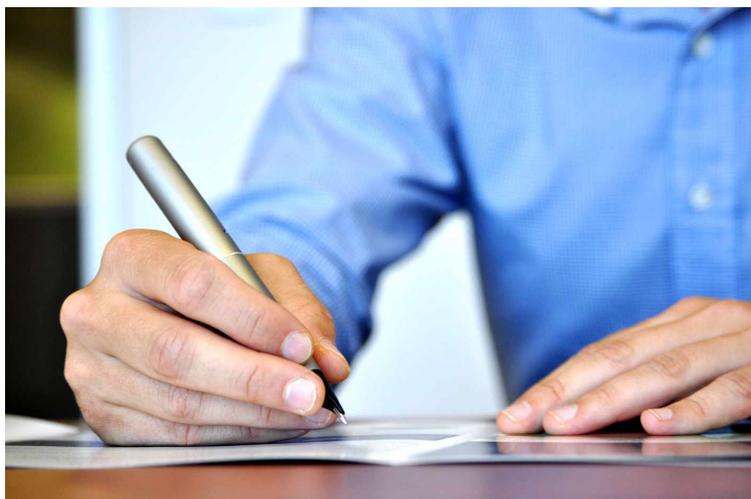
Lopes apresenta vários motivos pelos quais não podemos considerar esse sistema de comunicação como linguagem:

- a) não é um produto cultural, pois a cultura é tipicamente humana;
- b) é invariável, no tempo e no espaço. Fornece sempre, ao mesmo grupo, o mesmo tipo de informação. Essa informação é referente a alimento;
- c) não expressa sentidos diferentes de acordo com diferentes experiências e situações;
- d) é composta de índices; ela não se compõe, como a linguagem humana, de signos que são fruto das convenções estabelecidas pelo homem;
- e) não é articulada; não se deixa decompor em elementos menores;
- f) não tem uma significação sistêmica nem é suscetível de ser analisada em unidades mínimas.

¹ Cabe registrar a existência da chamada língua dos sinais, utilizada pelos surdos, em que não há signos vocais, mas visuais. O sistema de comunicação dos surdos é considerado uma língua pela grande maioria dos autores, já que, embora não se constitua de sinais sonoros, apresenta as características básicas das línguas naturais.



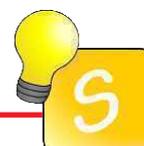
II - LEITURA COMPLEMENTAR



Sobre isso, acesse o seguinte blog para uma leitura complementar:

<http://geovanachiari.blogspot.com/2010/08/danca-das-abelhas-linguagem-ou-codigo.html>

Como afirma Petter (2002, p. 11), “Assim como não há sociedade sem linguagem, não há sociedade sem comunicação. Tudo que se produz como linguagem ocorre em sociedade, para ser comunicado”. E um dos recursos que temos para nos comunicarmos é a língua. Ela é uma parte essencial da linguagem.



Linguagem é qualquer e todo sistema de signos que serve de meio de comunicação de idéias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais etc. , podendo ser percebida pelos diversos órgãos dos sentidos, o que leva a distinguirem-se várias espécies de linguagem: visual, auditiva, tátil, etc. , ou, ainda, outras mais complexas, constituídas, ao mesmo tempo, de elementos diversos. Os elementos constitutivos da linguagem são, pois, gestos, sinais, sons, símbolos ou palavras, usados para representar conceitos de comunicação, idéias, significados e pensamentos. Embora os animais também se comuniquem, a linguagem propriamente dita pertence apenas ao homem. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Linguagem>)

E a língua?

Para Saussure (1995, p. 17), “a língua não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. Ela constitui algo adquirido e convencional.

Existem várias línguas naturais (espanhol, inglês, português) e elas “são manifestações de algo mais geral, a linguagem” (PETTER, 2002, p. 13). Dizemos que a linguagem é algo mais geral que a língua porque esta diz respeito apenas aos recursos linguísticos e a primeira engloba os verbais e os não-verbais.



III - ATIVIDADE 4: ASSISTINDO AOS VÍDEOS SOBRE LÍNGUA E LINGUAGEM HUMANA

Para ampliar seus conhecimentos sobre o tema, é importante que você assista ao vídeo disponível no seguinte link e no AVA:

<http://www.youtube.com/watch?v=8ndOTKoKggA>

Veja uma primeira vez, para ter uma noção do todo. Depois, volte a assistir o vídeo e anote as informações mais importantes.



IV - ATIVIDADE 5: FÓRUM DE DISCUSSÃO

Com base no que você registrou no guia impresso e nos vídeos aos quais assistiu, apresente uma definição para língua e para linguagem e destaque a importância que ambas têm em nossa sociedade.

Além disso, é importante que você comente a resposta de pelo menos um(a) colega.

Como este módulo é voltado para os estudos linguísticos pré-saussureanos, é necessário definir Linguística e explicitar qual é o seu objeto.



V - ATIVIDADE 6: LEITURA DE TEXTO DO GUIA IMPRESSO



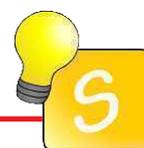
2 – O QUE É LINGUÍSTICA?

De acordo com Petter (2002, p. 17), a Linguística é uma ciência que “estuda a principal modalidade dos sistemas sígnicos, as línguas naturais, que são a forma de comunicação mais altamente desenvolvida e de maior uso”. O seu foco não são linguagens como a música, dança, pintura, mímica, mas, sim, a linguagem verbal humana.

Pelo fato de ser uma ciência que estuda a linguagem verbal, muitos pensam que a Linguística corresponde ao estudo tradicional da gramática. Porém, isso não é verdade.

A Linguística não se compara ao estudo tradicional da gramática; ao observar a língua em uso o linguista procura descrever e explicar os fatos: os padrões sonoros, gramaticais, lexicais que estão sendo usados, sem avaliar aquele uso em termos de um outro padrão: moral, estético ou crítico. [...] O linguista procura descobrir como a linguagem funciona por meio do estudo de línguas específicas, considerando a língua um objeto de estudo que deve ser examinado empiricamente (PETER, p. 17-18).

Ferdinand de Saussure é apresentado nos manuais de história da linguística como o pai da linguística moderna.



Linguista suíço

FERDINAND DE SAUSSURE

26/11/1857, Genebra, Suíça
22/2/1913, Genebra, Suíça

Da Página 3 Pedagogia & Comunicação



Figura 1: Ferdinand de Saussure, o fundador da linguística moderna.
Fonte: <http://educacao.uol.com.br/biografias/ferdinand-de-saussure.jhtm>

Após a morte de Saussure, seus discípulos esperavam encontrar em seus manuscritos a imagem fiel de suas geniais lições. “Qual o quê!” O mestre destruiu todos os rascunhos que escrevia, as gavetas de sua escrivaninha estavam quase vazias. O jeito foi reunir as anotações minuciosas de seus alunos.

compará-las e recriar cuidadosamente o pensamento do pioneiro da linguística. O resultado deste trabalho foi a publicação do "Curso de Linguística Geral".

Filho de uma família abastada, Ferdinand de Saussure estudou desde cedo inglês, grego, alemão, francês e sânscrito. Com o objetivo de continuar a tradição científica de sua família, em 1875, estudou física e química na Universidade de Genebra. Em 1877, aos 21 anos, Ferdinand de Saussure publicou o livro "Memória sobre as Vogais Indo-Européias".

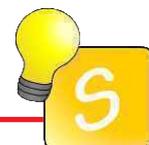
Três anos depois, o estudioso defendeu sua tese de doutorado, "Sobre o Emprego do Genitivo Absoluto em Sânscrito". Em 1881, Ferdinand de Saussure assumiu a cátedra de linguística comparada na Escola de Altos Estudos de Paris. Em 1886 tornou-se membro da Sociedade Linguística de Paris e no ano seguinte foi para Leipzig, Alemanha, para completar seus estudos.

Transferiu-se em 1891 para a Universidade de Genebra, lecionando linguística indo-européia e sânscrito até 1906, quando passou a professor titular de linguística. Saussure foi professor na Universidade de Genebra até sua morte, aos 55 anos.

Seus discípulos Charles Bally e Albert Sechehaye organizaram as anotações dos alunos de Saussure realizadas durante seus cursos universitários. Em 1915 foi publicado o já mencionado «Curso de Linguística Geral», considerado a obra fundadora da linguística moderna.

<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u267.jspx> acessado em 07/06/11

Essa linguística moderna é entendida como compreender "os estudos sincrônicos praticados intensamente durante o século XX em contraste com os estudos históricos, que predominaram no século anterior" (FARACO, 2004, p. 27).



"estudo sincrônico enfoca o sistema linguístico em funcionamento num determinado momento, sem a perspectiva histórica" (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sincronia> acessado em 07/06/11).

De acordo com Saussure, a tarefa da Linguística é:

- fazer a descrição e a história de todas as línguas que puder abranger, o que quer dizer: fazer a história das famílias de línguas e reconstituir, na medida do possível, as línguas-mães de cada família
- procurar as forças que estão em jogo, de modo permanente e universal, em todas as línguas e deduzir as leis gerais às quais se possam referir todos os fenômenos peculiares da história;
- delimitar-se e definir-se a si própria. (SAUSSURE, 1995, p. 13).

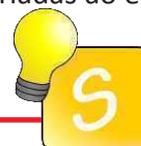


Em Linguística, dizer "que duas línguas são aparentadas equivale a dizer que evoluíram de alguma língua precedente comum. É isto, aliás, o que se afirma quando se diz que elas pertencem à mesma família linguística" (ROBINS, 1977, p. 21). Para saber quais são as maiores famílias linguísticas, acesse o seguinte link http://pt.wikipedia.org/wiki/Fam%C3%ADlia_lingu%C3%ADstica

E, conforme Cunha, Costa e Martelotta (2008, p. 21), a linguística executa duas tarefas principais: “o estudo das línguas particulares como um fim em si mesmo, com o propósito de produzir descrições adequadas de cada uma delas, e o estudo das línguas como um meio para obter informações sobre a natureza da linguagem de um modo geral”.

De acordo com esses três autores “a linguística tem como objeto de estudo a linguagem humana através da observação de sua manifestação oral ou escrita (ou gestual, no caso da língua dos sinais).” (p. 21). Como toda ciência, a linguística “descreve seu objeto como ele é, não especula nem faz afirmações sobre como a língua deveria ser” (PETER, 2002, p. 21).

Seu caráter científico fundamenta-se em dois princípios: o empirismo e a objetividade. Ela é empírica porque trabalha com dados verificáveis por meio de observação e baseia suas descobertas em métodos rígidos de observação dos dados. É “objetiva porque examina a língua de forma independente, livre de preconceitos sociais ou culturais” (PETER, 2002, p. 21). Nesse sentido, adota uma atitude não preconceituosa em relação aos diferentes usos da língua. Isso significa que ela respeita qualquer variação que uma língua apresente, pois considera que todas as línguas e todas as variedades de uma mesma língua são apropriadas ao estudo.



As línguas que existem no mundo não são unas, não são uniformes. Elas apresentam variedades, ou seja, não são faladas da mesma maneira por todos os seus usuários. Por que isso acontece? Porque nas sociedades há vários grupos: há o grupo dos mais jovens e o dos mais velhos; dos que habitam uma região e dos que habitam outra, os que têm esta ou aquela profissão, os que são de uma classe social e os que são de outra etc. Todas essas variedades podem ser estudadas por um linguista.

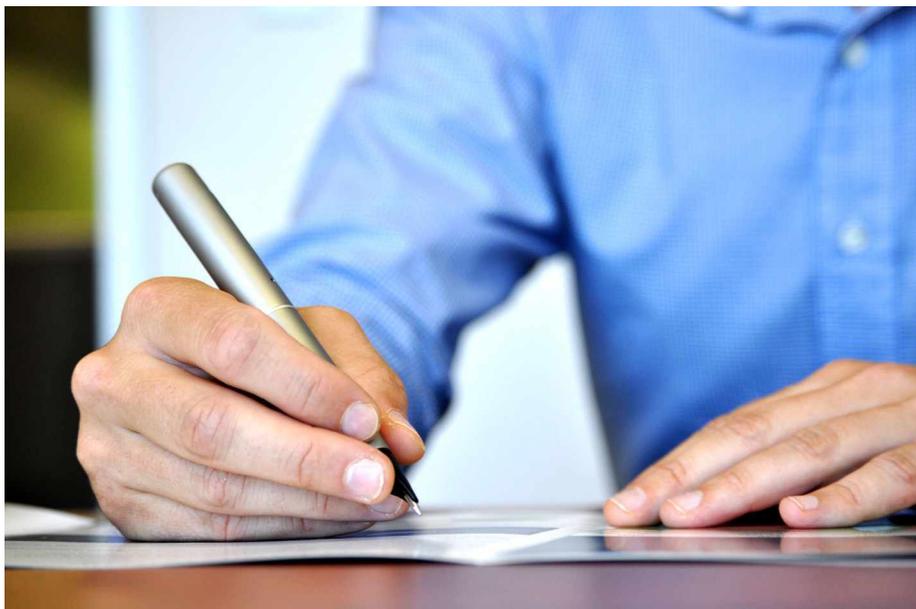
Saussure salienta o quão útil a Linguística é. Segundo ele, as questões linguísticas interessam a todos que tenham de manejar textos e a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro na vida dos indivíduos e das sociedades. Sendo assim, uma ciência preocupada com a linguagem humana tem grande importância para a cultura geral.

Para ampliar seus conhecimentos sobre o assunto, leia o texto disponível no AVA e neste endereço:

<http://www.lendo.org/o-que-e-linguistica/>



VI - LEITURA COMPLEMENTAR



3 - ESTUDOS LINGUÍSTICOS PRÉ-SAUSSAREANOS: OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS COMPARATISTAS E HISTÓRICOS DO SÉCULO XIX

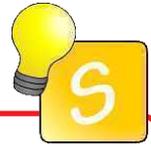
Na história da Linguística, Ferdinand de Saussure constitui um marco e um divisor de águas. Em função dessa importância e do que caracteriza os estudos realizados antes dele e os realizados por ele e após ele, a ciência chamada Linguística pode ser dividida em duas grandes fases: a linguística pré-saussuriana - até o século XIX - e a linguística saussuriana - a partir do século XIX.

Neste módulo, nós nos concentraremos nos estudos linguísticos realizados antes da publicação dos trabalhos de Saussure. Esses estudos adotavam uma perspectiva histórica.

Esse autor explica que a Linguística passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro objeto. São elas: gramática, filologia, gramática comparada.

Primeiro, os gregos começaram a fazer um estudo baseado na lógica, a que se denominava “Gramática”. Os franceses deram continuidade a esses estudos. Esse estudo foi continuado principalmente pelos franceses e, de acordo com Saussure (1995), visava “unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito” (p. 7). Depois, surgiu a Filologia, “que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos. [...] Se aborda questões linguísticas o faz sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica” (p. 7-8).

Os estudos produzidos nesta perspectiva, conforme Saussure, prepararam a Linguística Histórica. E, na terceira fase, iniciaram-se os estudos comparativos, quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas



Linguística histórica é a disciplina linguística que estuda o desenvolvimento histórico de uma língua - como ela surgiu, quais línguas influenciaram sua estrutura e uso, as mudanças que sofreu ao longo do tempo e o porquê dessas mudanças, etc. Ela ocupa um lugar destacado no estudo da evolução diacrônica das línguas e a sua relação ou parentesco genético. Ao mesmo tempo, a Linguística Histórica se preocupa com a reconstrução de línguas antigas, mortas ou extintas. Nesse aspecto, ela pode se confundir com a Filologia. [1]

Os resultados da linguística histórica podem ser comparados frequentemente aos de outras disciplinas como a história, a arqueologia ou a genética. Nos estudos interdisciplinares deste tipo pretende-se reconstruir a cronologia relativa a contatos entre povos, rotas de expansão e influências culturais mútuas. (fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica_hist%C3%B3rica , acessado em 07/06/11).

A história da linguística comparativa tem início no século XIX, com a hipótese genética ou genealógica. Na hipótese genética, são evocadas as questões referentes à natureza e são pontuadas as relações entre as línguas. As línguas são classificadas em famílias e consideradas como organismos vivos. A teoria dos primeiros gramáticos comparativos era que, no decorrer do tempo, as línguas passavam por progressos ou retrocessos através de mecanismos de mudança. (fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lingu%C3%ADstica_comparativa , acessado em 07/06/11)

SAIBA MAIS UM POUCO

Linguística Comparada

Constituiu-se no século XIX, a partir dos trabalhos de Franz Bopp. Caracteriza-se pela utilização do método comparativo que consiste em comparar formas semelhantes de línguas consideradas como sendo da mesma família de línguas. A Linguística Comparada, também chamada de gramática comparada ou comparativa, tem como objetivo estabelecer correspondências entre línguas para poder estabelecer suas relações de parentesco. Por exemplo, pelo estudo comparado do grego, latim e sânscrito, pode-se chegar à reconstituição do indo-europeu e assim se estabelece que estas três línguas são aparentadas e derivam do indo-europeu. (Fonte: http://www.labeurb.unicamp.br/elb/historia_nocoes/linguistica_comparada.htm)

entre si. Esse período da linguística tem sido denominado de Linguística Comparativa e Histórica.

Conforme Faraco (2004) é nos fins do século XVIII, que se costuma localizar o nascimento da linguística, quando intelectuais europeus começaram a estudar a língua clássica dos hindus: o sânscrito. Em 1786, William Jones apresentou um estudo, em que fez uma análise comparativa do sânscrito, do latim e do grego e identificou inúmeras semelhanças entre essas línguas. Para explicar essas semelhanças, ele hipotetizou que as três línguas tinham uma origem comum. Isso desencadeou o movimento dos estudos linguísticos comparativos e históricos. Em decorrência disso, vários estudos do sânscrito foram realizados e os intelectuais alemães Friedrich Schlegel e Franz Bopp produziram uma Gramática Comparativa.

Os estudiosos da época criaram o método comparativo, fundamental nos estudos de linguística histórica (FARACO, 2004).

No século XIX, além de Schlegel e de Bopp, destacam-se outros linguistas, cujos estudos trouxeram contribuições importantes aos avanços na Linguística. Dentre eles, podemos citar: Jacob Grimm, Pott, Kuhn, Max Müller, G. Curtius e August Schleicher.

Saussure reconhece a importância dos trabalhos realizados nesse período, mas destaca que, “nas investigações, limitadas aliás às línguas indo-europeias, a Gramática Comparada jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria” (SAUSSURE, 1995, p. 10). Ele explica que somente por volta de 1870 é que se indagou quais seriam as condições de vida das línguas e que se percebeu que as correspondências que unem as línguas “não passam de um dos aspectos do fenômeno linguístico. Percebeu-se, também, que a comparação não é senão um método para reconstituir os fatos.

Ainda conforme Saussure, a Linguística propriamente dita nasceu do estudo das línguas românicas e das germânicas. O norte-americano Whitney, autor de *A Vida da Linguagem* (1875), deu um primeiro impulso e, logo depois, formou-se uma nova escola, fundada por alemães: a dos neogramáticos. A data inicial dessa nova escola costuma ser identificada como sendo o ano de 1878. “O último quarto do século XIX ficou caracterizado como a época dos neogramáticos” (FARACO, 2004, p. 34).

Os neogramáticos empenharam-se para colocar em perspectiva histórica os resultados da comparação. Eles questionaram os pressupostos tradicionais da prática que vigorava nos estudos comparatistas anteriores, especialmente seu descritivismo, e estabeleceram uma orientação metodológica diferente e uma base teórica para a interpretação da mudança linguística.

Alguns neogramáticos criticavam a concepção naturalista da língua, adotada por Schleicher, que a via como possuidora de uma existência independente. Eles acreditavam que a língua existe no indivíduo e que as mudanças linguísticas originam-se nele (FARACO, 2004). Para Hermann Paul (1846-1921), por exemplo, os fatores psíquicos e físicos são determinantes dos objetos culturais como a língua. Nesse sentido, acreditava que a linguística só precisava da psicologia e da fisiologia para compreender a mutação histórica das línguas.

Faraco (2004, p. 36-37) avalia que o rigor metodológico que os neogramáticos introduziram no enfrentamento dos problemas de história das línguas teve particular importância no desenvolvimento da linguística histórica e que a herança dos neogramáticos é fundamental. Eles deixaram clara a importância de não se pautar em conceitos de caráter puramente interno, como o de analogia, para a solução de fenômenos irregulares presentes nas línguas.

Contudo, Faraco aponta limitações tanto na abordagem comparativista quanto na dos neogramáticos. Com relação à gramática comparativa, os estudos pautavam-se no princípio da imanência, pois consideravam que os fatos linguísticos são condicionados só e apenas por fatos linguísticos. Assim, não levavam em consideração a relação entre língua e sociedade, o que é fundamental para se entender a mudança linguística. No que diz respeito aos neogramáticos, Faraco questiona o psicologismo e o subjetivismo nos quais estes estudiosos se baseavam. Isso porque eles desconsideravam a tensão entre o social e o individual, uma vez que reduziam a língua à psique individual.

Apesar dessas limitações, os estudos linguísticos realizados no século XIX apresentaram um conjunto de formulações que, segundo Faraco, seguiriam valendo durante o século XX e nos ocupariam ainda hoje.

O século XIX nos deixou, por exemplo, o delineamento claro da língua como uma realidade com a história (sob mutação permanente no eixo do tempo); reorganizou nossa percepção da diversidade (demonstrando sistematicamente a existência de uma rede de relações ‘genéticas’ entre várias línguas diferentes); deu forma ao senso de sistema (exercitando perspectivas biologizantes, psicologizantes e sociologizantes, bem como lançando as condições para o grande corte sistêmico saussuriano) [...] não faltou também ao século XIX elaborar um modo de pensar a língua não como sistema (gramatical), mas como uma atividade sistemática (do espírito humano), perspectiva que voltará no século XX sob as mais variadas formas (FARACO, 2004, p. 46)

Robins (1977) considera que as realizações mais significativas dos estudos linguísticos do século XIX podem se resumir em: o estabelecimento dos princípios e métodos para a classificação das famílias linguísticas e o desenvolvimento de uma teoria geral das transformações linguísticas e das relações entre as línguas.

Como você deve ter percebido, no século XIX, os linguistas preocupavam-se com o estudo das transformações pelas quais passavam as línguas, na intenção de explicar as mudanças linguísticas. A Linguística era histórica e comparativa. Para eles, a língua era uma representação de uma “estrutura de pensamento, que existiria independentemente da formalização linguística, e a comunicação e a ‘lei do menor esforço’, que a caracterizam, seriam as causas da ‘desorganização’ gramatical das línguas, do seu declínio e transformação em ruínas linguísticas’. O português e o italiano, por exemplo, seriam ‘restos’ em decadência do latim” (BARROS, 2002, p. 25-6)

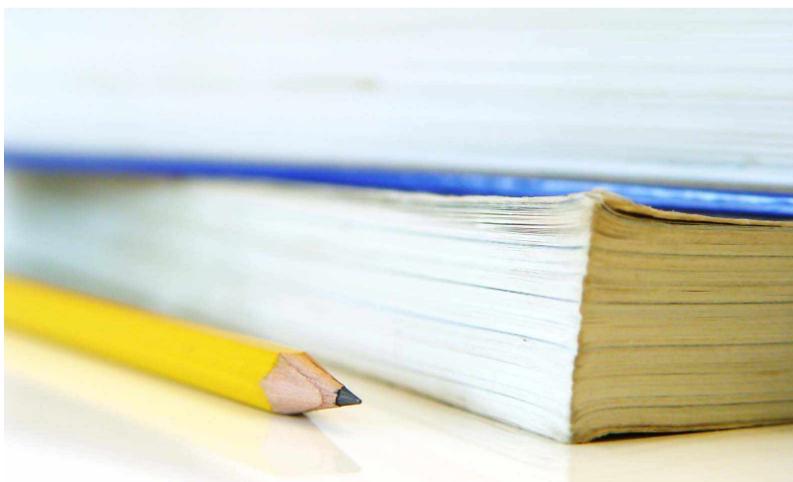


Para finalizarmos a abordagem dos Estudos linguísticos pré-saussurianos, leia o texto “A linguística antes de Ferdinand de Saussure – uma retomada histórica”, de Maria da Silva Peixoto, disponível no link:

PEIXOTO, Maria da Silva. A linguística antes de Ferdinand de Saussure – uma retomada histórica. Web-Revista Página de Debate: questões e linguística e de linguagem. Edição 09, setembro de 2009. 6º artigo. Disponível em <http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/09/Arquivos/07.pdf>. Acesso em 07/06/11.



VII - ATIVIDADE 7: CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA



Após a leitura de todo o material referente ao módulo 1 e a sua participação no fórum de discussão, você já deve ter noções importantes sobre língua, linguagem, linguística e sobre os estudos linguísticos pré-saussureanos. Agora, queremos que você nos ajude a criar um glossário colaborativo com conceitos apresentados no módulo 1.

De tudo o que foi visto no módulo, você deve selecionar cinco palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, é importante reler o guia para esclarecer suas dúvidas.

Orientações para o desenvolvimento da atividade:

1. Clique em inserir novo item.
2. Digite o conceito e/ou explicação.
3. Clique em salvar mudanças.
4. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 5 itens.

Atenção! Se você copiar algum trecho de um artigo, de um livro ou de uma página da internet, por exemplo, você deve colocar entre aspas e citar a fonte.

Lembre-se de que o mais importante é você tentar definir e/ou explicar os termos ou expressões com suas palavras.

Como é um glossário colaborativo, nós precisamos auxiliar nossos parceiros, certo? Então, acesse os cinco itens inseridos por um/a colega, clique em “Comentário”. Em seguida, redija um comentário referente ao que seu/sua colega escreveu sobre cada um dos cinco itens.

Dado o caráter teórico da disciplina, nós continuaremos criando esse glossário ao longo de todo o curso para que, ao final dele, você tenha registrado os principais conceitos estudados.



VIII - LEITURA COMPLEMENTAR

Para ampliar um pouco mais seus conhecimentos sobre o assunto tratado no módulo 1, sugerimos a leitura das páginas 1- 4 dos seguintes textos:

GONÇALVES, C. F. P. ; SANTOS, M. B. dos. E surgiu, então, a Linguística. CIÊNCIA E CONHECIMENTO: REVISTA ELETRÔNICA DA ULBRA. SÃO JERÔNIMO – VOL. 01, 2007, LETRAS, A. 1, 1-8. Disponível em: http://www.cienciaeconhecimento.com.br/pdf/vol001_LetA1.pdf

NÃO SE ESQUEÇA DAS ATIVIDADES REFERENTES AO PIPE 1! NÃO DEIXE PARA FAZÊ-LAS SOMENTE NAS ÚLTIMAS SEMANAS.



IX - REFERÊNCIAS

Módulo 1

BARROS, D. P. A comunicação humana. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo, Contexto, 2002, p. 25- 53.

CUNHA, A. F. da; COSTA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. Linguística. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 13- 30.

FARACO, C. A. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 27- 52.

FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo, Contexto, 2002.

GOÇALVES, C. F. P.; SANTOS, M. B. dos. E surgiu, então, a Linguística. **CIÊNCIA E CONHECIMENTO: REVISTA ELETRÔNICA DA ULBRA. SÃO ERÔNIMO**—VOL. 01, 2007, LETRAS, A. 1, 1- 8. Disponível em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/silvanaayub/celem_2012/artigos/9_E%20surgiu-%20entao-%20a%20Linguistica.pdf/view.

MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004

PAVEAU, M. A. & SARFATI, G. E. **As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.

PEIXOTO, M. da S. A linguística antes de Ferdinand de Saussure – uma retomada histórica. **Web-Revista Página de Debate: questões de linguística e de linguagem**. Edição 09, setembro de 2009. 6º artigo. Disponível em <http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/09/Arquivos/07.pdf>. Acesso em 07/06/11.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo, Contexto, 2002, p. 11- 24.

ROBINS, R. H. **Linguística geral**. Porto Alegre: Globo, 1977.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

ANOTAÇÕES

AGENDA DO MÓDULO 2

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>1. ESTRUTURALISMO</p> <p>1.1 AS DICOTOMIAS SAUSSUREANAS</p>	<p>Atividade 8: Elaboração do plano de estudos</p> <p>Antes de iniciar a leitura do guia impresso, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início do primeiro módulo. Organize-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.</p> <p>Atividade 9: Leitura do guia de estudos</p> <p>Atividade 10: Assistindo a um vídeo</p> <p>No vídeo Saussure para todos Ling1 (2009.2) Grupo 1 - Saussure para todos (2/2), disponível no link: http://www.youtube.com/watch?v=evwBC9FBjA&feature=related, você verá uma síntese de tudo que leu no guia impresso.</p> <p>Assista a ele com atenção e registre as informações mais relevantes.</p> <p>Atividade: Leitura complementar</p> <p>Para ampliar um pouco mais seus conhecimentos sobre o assunto tratado no módulo 2, sugerimos a leitura dos seguintes textos, disponíveis no AVA:</p> <p>RODRIGUES, R. da S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf</p> <p>NASCIMENTO, E. M. F. dos S. Saussure: o estruturalista antes do termo. Diálogos Pertinentes – Revista Científica de Letras. Franca (SP), v. 4, n. 4, p. 259-276, jan./dez. 2008. Disponível em: http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/viewFile/233/187</p> <p>MILAN, S. E. Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral. Letras & Letras, Uberlândia 25 (1) 55-71, jan./jun. 2009.</p>	

	<p>Atividade 11: Produção de uma síntese</p> <p>Para finalizar o nosso módulo II, você produzirá um texto de no máximo duas páginas com uma síntese sobre o estruturalismo, com base no material lido e no vídeo a que assistiu. O tamanho de referência da página é A4, fonte Times New Roman, 12, espaçamento entre linhas de 1,5cm, margens esquerda e superior – 3 cm – e direita e inferior – 2 cm.</p>	<p>SOBRE A ATIVIDADE 11: Produção de uma síntese</p> <p>Valor: 0-4 pontos</p>
	<p>Atividade 12: Continuação da criação de um glossário da disciplina</p> <p>Após a leitura de todo o material referente ao módulo 2 e após assistir ao vídeo proposto, você já deve ter noções importantes sobre o Estruturalismo. Como fizemos no módulo 1, vamos continuar a criação de um glossário colaborativo. Nosso foco agora são os conceitos apresentados no módulo 2.</p> <p>De tudo que foi visto no módulo, você deve selecionar duas palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, é importante reler o guia para esclarecer suas dúvidas. Se necessário, assista ao vídeo mais uma vez.</p> <p>Orientações para o desenvolvimento da atividade:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Clique em inserir novo item. 2. Digite o conceito e/ou explicação. 3. Clique em salvar mudanças. 4. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 2 itens. <p>Como é um glossário colaborativo, nós precisamos auxiliar nossos parceiros como fizemos no módulo 1. Então, acesse os dois itens inseridos por um/a colega, clique em “Comentário”. Em seguida, redija um comentário referente ao que seu/sua colega escreveu sobre cada um dos itens.</p>	

Módulo 2 - Estruturalismo

Conteúdos básicos

- Estruturalismo
- O signo linguístico
- As dicotomias saussurianas

Objetivos

- Apresentar os principais pressupostos teóricos do Estruturalismo

Caro(a) aluno(a):

Vamos iniciar agora o nosso segundo módulo. Nele nos concentraremos no Estruturalismo.

Neste módulo, trataremos das contribuições de Ferdinand de Saussure à linguística moderna. Em especial, explicitaremos a fundação da linguística sincrônica, a virada linguística promovida pelos estudos linguísticos realizados no século XX, e com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (1916), obra publicada após a morte de Saussure.

Apresentaremos ainda a noção de signo linguístico e as dicotomias saussureanas: sincronia/diacronia; língua e fala; sintagma/paradigma; significante/significado.

Esperamos que seus estudos sejam bem produtivos.

Principais materiais

Neste módulo, além do guia de estudos impresso, você assistirá a alguns vídeos, fará leituras de hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 20 horas, distribuídas entre: leitura do material didático, desenvolvimento de atividades práticas e de atividades avaliativas.

Principais formas de avaliação

Produção de uma síntese do conteúdo.



I - ATIVIDADE 8 - ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS

Antes de iniciar a leitura do guia impresso, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início do primeiro módulo. Organize-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.



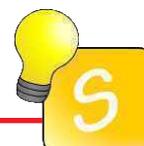
Você já ouviu falar de estruturalismo? Escreva, em seu guia impresso, o que você sabe a respeito.



II - ATIVIDADE 9 - LEITURA DO GUIA DE ESTUDOS IMPRESSO

1 - FERDINAND DE SAUSSURE E O ESTRUTURALISMO

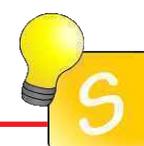
Como afirma Lopes (1980), algumas palavras são consideradas palavra-chave no léxico dos pensadores do século XX. São elas: estrutura, estrutural e estruturalismo. Isso porque algumas escolas linguísticas do século, de uma forma ou de outra, compreendem que a língua constitui um sistema e que, assim sendo, cumpre estabelecer como esse sistema se estrutura. Para isso, os linguistas se empenharam em analisar a organização e o funcionamento dos elementos constituintes do sistema – a língua.



Saussure enfatizou que

a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. À geração seguinte coube observar mais detalhadamente como o sistema se estrutura: daí o termo 'estruturalismo' para designar a nova tendência de se analisar as línguas (COSTA, 2008, p. 114).

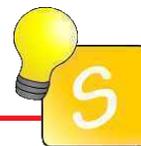
Saussure foi o precursor do estruturalismo. Esse termo designa algumas correntes da Linguística moderna que tomaram impulso após a obra *Cours de Linguistique Générale*, de Ferdinand de Saussure, na qual encontramos os conceitos fundamentais do modelo teórico estruturalista. Essas correntes são: a Escola de Genebra, o Círculo Linguístico de Praga, o Círculo Linguístico de Copenhague, na Europa, e a Escola Mecanicista de Leonard Bloomfield, na América do Norte. Elas têm em comum um posicionamento contrário ao adotado pelos neogramáticos, os quais adotaram o ponto de vista segundo o qual a linguística tem que ser necessariamente histórica.



Suas ideias tornaram-se ponto de partida do pensamento que caracteriza a linguística moderna. O livro é a reconstrução de três cursos ministrados por Saussure entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra. Essa reconstrução foi feita a partir de notas registradas por alunos, durante esses cursos. Charles Bally e Albert Sechehaye foram os organizadores do trabalho.

Como vimos, a descrição das línguas nos estudos linguísticos do século XIX era feita diacronicamente. Em oposição a isso, Saussure argumentou que uma descrição sincrônica de línguas particulares poderia ser também científica e explicativa. Mas em que uma explicação difere da outra?

A explicação sincrônica difere da diacrônica ou histórica por ser estrutural em vez de causal: ela fornece um tipo de resposta diferente à pergunta: 'Por que as coisas são como são?'. Em vez de investigar o desenvolvimento histórico de determinadas formas ou sentidos, ela demonstra como todas as formas e sentidos estão inter-relacionados num determinado sistema linguístico, em determinado ponto no tempo. (LYONS, 1987, P. 163).



Em um estudo sincrônico, os fatos linguísticos são observados quanto ao seu funcionamento num determinado momento. Já em um estudo diacrônico, os fatos são analisados quanto às suas transformações, em um período de tempo (dez anos, um século) pelas relações que estabelecem com os fatos que o precederam ou sucederam (COSTA, 2008). As duas abordagens são importantes.

É importante destacar que Saussure não negava a validade da explicação histórica. Ele afirmava que os modos de explicação sincrônico e diacrônico eram complementares.

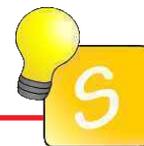
Como assevera Lyons, “uma descrição estrutural de uma língua nos diz de que maneira todos os componentes se encaixam” (LYONS, 1987, p. 163).

A abordagem estruturalista entende que a língua é forma (estrutura) e não substância (a matéria a partir da qual ela se manifesta). Reconhece, entretanto, a necessidade da análise da substância para que possamos formular hipóteses acerca do sistema a ela relacionado. Um sistema que não apresenta qualquer manifestação material, que não seja expresso por algum tipo de substância, não desperta qualquer interesse científico, uma vez que não pode ser investigado (COSTA, 2008, p. 115).

Essa concepção de língua tem relação direta com outro princípio do estruturalismo: o de que *língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma*. Isso significa que a preocupação dos estruturalistas é centrada no que se tem chamado de *estudo imanente da língua*. Esse tipo de estudo exclui tudo o que é considerado extralinguístico, porque se concebe que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas. Dessa forma, toda relação que não seja absolutamente relacionada com a organização interna dos constituintes do sistema linguístico é excluída. Assim, não se consideram em conta as relações entre língua e cultura e língua e sociedade.

Com relação ao Brasil, especificamente, Ilari (2004) afirma que o estruturalismo teve um enorme impacto sobre os estudos da linguagem. Durante os anos 1960, deu-se o seu advento, o que coincidiu com o reconhecimento da linguística como disciplina autônoma. E, por volta de 1970, “o estruturalismo já era no Brasil a orientação mais importante nos estudos da linguagem, e (...) tinha contribuído para criar um novo tipo de estudioso, o linguista” (ILARI, 2004, P. 53-4).

2 - O SIGNO LINGUÍSTICO E AS DICOTOMINAS SAUSSUREANAS



O termo dicotomia designa a divisão lógica de um conceito em dois, de modo que se obtenha um par opositivo.” (COSTA, 2008, p. 115-6)

Neste tópico, vamos aprender um pouco sobre o signo linguístico e sobre as quatro principais dicotomias saussurianas: significado e significante; língua e fala; paradigma e sintagma; e sincronia e diacronia.

2.1 - O SIGNO LINGUÍSTICO: SIGNIFICANTE + SIGNIFICADO

Como vimos, Saussure afirma que a língua é um sistema de signos. Assim, o signo é a unidade constituinte do sistema linguístico.

Para Saussure, o signo linguístico resulta da combinação de um significante e de um significado ou de um conceito e de uma imagem acústica, como se fossem dois lados de uma moeda. É impossível conceber uma parte sem a outra, pois as duas são absolutamente inseparáveis, como as duas faces de uma folha de papel. Vejamos a imagem que ele apresenta:

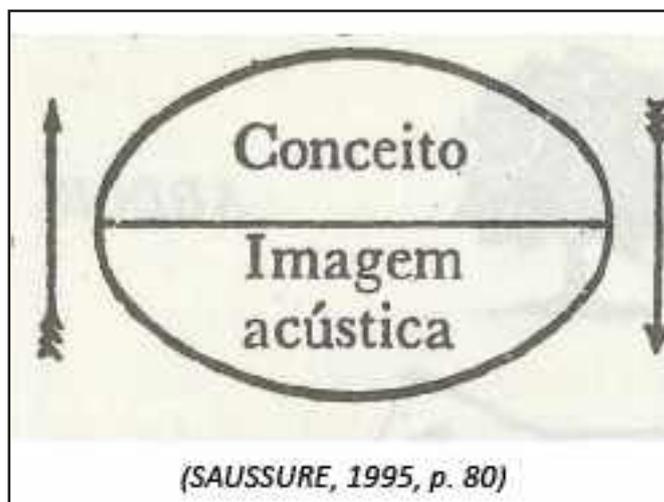


Figura 2: O signo linguístico

Essas duas faces do signo linguístico são ambas psicológicas e, em nosso cérebro, estão ligadas por um vínculo de associação. O significante está no plano da expressão e o significado, no plano do conteúdo.

Vamos ver um exemplo!

Todos nós sabemos o que é um livro, certo? Seu significado é conhecido por todos nós. Mas esse significado não tem o mesmo significante em diferentes línguas. Em inglês, por exemplo, o significante é book; em espanhol é libro.

Vejamos que o conteúdo, o conceito não mudou, mas a expressão, a “imagem acústica” mudou.

A relação significante X significado é convencional, ou seja, há um acordo implícito e explícito entre os usuários da língua. Convencionou-se chamar de gato o animal mamífero, doméstico, da classe dos felídeos, por exemplo. Essa relação presente no signo linguístico é também arbitrária, visto que não há qualquer propósito entre a representação gráfica “g – a – t – o” e a idéia que temos representada em nossas mentes desse animal.



Também temos o significante “g – a – t – o” com outros significados, como: Ladrão, gatuno, larápão ou em expressões do tipo gato-pingado - cada um dos poucos assistentes de uma reunião ou espetáculo, ou de algum agrupamento e ainda gato e sapato: coisa desprezível.

Sendo assim, signo é a associação de um significante (sons da fala, imagens gráficas, desenhos, etc.) e um significado (conceito, idéia ou imagem mental).

O signo LIVRO se compõe, portanto de:

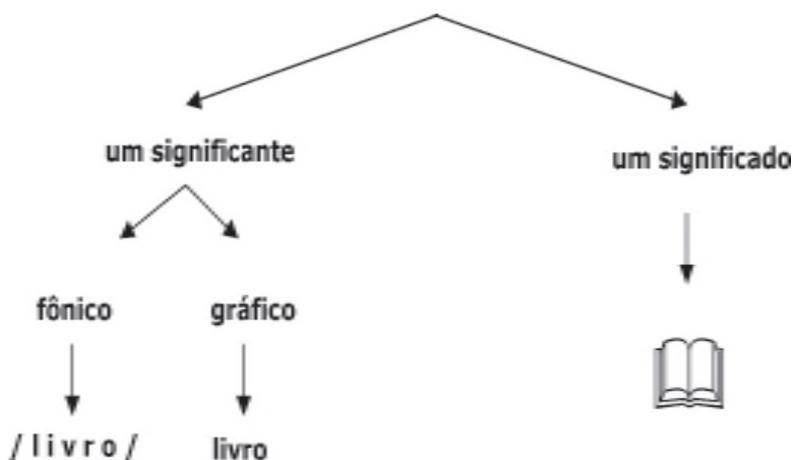


Figura 3: O signo livro

Fonte: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAA9j0AE/lingua-portuguesa-II>
Acessado em 25/06/11.

2.2 - CARACTERÍSTICAS DO SIGNO LINGUÍSTICO

Saussure apresenta duas características do signo linguístico: a arbitrariedade e a linearidade do significante.



Você já parou para pensar por que o que conhecemos como mar tem o nome de mar? E por que o objeto conhecido como cadeira tem esse nome? Será que há alguma relação entre o significado de mar e a sequência m- a- r que lhe serve de significante? Há alguma relação entre a ideia que temos de cadeira e a sequência c- a- d- e- i- r- a?

Para Saussure (1995, p. 81), “o signo linguístico é arbitrário”; “O laço que une o significante ao significado é arbitrário”. Isso significa que se considera que não há uma razão para que um significante esteja associado a determinado significado. Não há “nenhum tipo de relação intrínseca ou de causalidade necessária” (LOPES, 1980, p. 83-4) entre os planos de expressão “livro, book, libro” e o significado que traduzem. Isso explica o fato de que cada língua usa significantes (imagem acústica) diferentes para um mesmo significado (conceito).

É importante destacar que dizer que é arbitrário não significa que o significado dependa da livre escolha do falante, visto que nenhum indivíduo pode mudar o signo estabelecido pelo seu grupo linguístico. O que Saussure quer dizer é “que o significante é *imotivado*, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade.” (SAUSSURE, 1995, p. 83).

Conforme Costa (2008, p. 119):

Afirmar que o signo linguístico é arbitrário, como fez Saussure, significa reconhecer que não existe uma relação necessária, natural, entre a sua imagem acústica (seu significante) e o sentido a que ela nos remete (seu significado). Isso significa dizer que o signo linguístico não é motivado, e sim cultural, convencional, já que resulta do acordo implícito realizado entre os membros de uma determinada comunidade. Trata-se, portanto, de uma convenção.

A segunda característica essencial do signo linguístico apontada por Saussure diz respeito à linearidade do seu plano de expressão: o significante. Os componentes que o integram apresentam-se um após o outro. “Essa linearidade, que constitui a extensão da cadeia falada e com base na qual cada elemento do plano de expressão de uma língua se coloca, é o que permite distinguirmos conceitos tais como o de sílaba (baseada num contraste entre consoantes e vogais), e o de distribuição” (LOPES, 1980, p. 86). No que diz respeito à distribuição, sabe-se que as palavras não se dispõem ao acaso em uma frase, por exemplo. Nós dizemos “O menino jogou a bola”, mas não dizemos “bola a jogou menino o”. Isso porque a distribuição das palavras ou dos signos não ocorre de maneira aleatória, mas, sim, pela exclusão de outros possíveis arranjos distribucionais.

2.3 - LÍNGUA E FALA

Segundo Ilari (2004), a dicotomia língua e fala, ou entre sistema e os possíveis usos do sistema, é a mais fundamental das oposições saussureanas.

Para Saussure, a linguagem humana é uma abstração. Ela consiste na capacidade que o homem tem de se comunicar com os outros através de signos verbais.

Por língua (*langue*), o autor designa o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras que determinam o emprego dos sons, das formas e relações sintáticas, necessárias para a produção de significados.

Saussure opôs claramente a língua (o sistema) e a fala (os usos que se faz do sistema) e estabeleceu que o objeto específico da pesquisa linguística é a língua (*langue*) e não a fala (*parole*). Ele separa a dimensão

individual e a dimensão social do funcionamento da linguagem. Para ele, a língua é um fenômeno social e a fala é um fenômeno individual.

Saussure considera que embora a língua tenha existência na consciência de cada indivíduo, ela constitui um sistema supra-individual, utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. É supra-individual na medida em que é definida não por um indivíduo, mas pelo grupo social ao qual ele pertence. A língua é, então, um conceito social.

Ela é, “ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1995, p. 17)

O entendimento saussureano é o de que a existência da língua decorre de uma espécie de contrato implícito que é estabelecido entre os membros dessa comunidade. Por isso, seu caráter social. Para Saussure, o indivíduo, sozinho, não tem a possibilidade de criar nem modificar a língua. Ele pode, sim, escolher da língua aquilo que serve aos seus propósitos imediatos de comunicação e colocar em ação. “Essa parcela concreta e individual da langue, posta em ação por um falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas, chamou-a Saussure parole (em português ‘fala’ ou ‘discurso’)” (LOPES, 1980, p. 77).

Para os estruturalistas, o uso individual da linguagem (a fala) não poderia ser objeto de um estudo realmente científico. Toda a atenção era dedicada ao sistema. A fala é tomada como objeto secundário.

Contudo, não se pode deixar de destacar que existe uma ligação estreita entre os dois objetos:

a língua é necessária para que a fala seja compreensível e para que o falante, conseqüentemente, possa vir a atingir os seus propósitos comunicativos; por outro lado, a língua só se estabelece a partir das manifestações concretas de cada ato linguístico efetivo. Assim, a língua é, ao mesmo tempo, o instrumento e o produto da fala (COSTA, 2008, p. 116).

De acordo com Lopes (1980), essa distinção saussureana entre língua e fala revelou-se das mais produtivas para todo o desenvolvimento da Linguística do século XX. Ela foi e tem sido objeto de discussões e um dos pontos mais debatidos é o que atribuiu à língua o papel de um sistema de valores. Nesse sistema, cada um dos elementos constituintes de uma língua só pode ser definido em relação aos outros elementos com os quais forma o sistema. A língua é assim entendida como um sistema de valores, em que cada elemento se define em relação com os outros. Um elemento tudo o que os demais elementos do sistema não são.



III – LEITURA COMPLEMENTAR



Para saber mais sobre a teoria do valor de Saussure, leia o texto disponível no AVA:

SILVA, D. L. G. da. Uma leitura da noção de valor linguístico em Ferdinand de Saussure. Disponível em: http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/10_Denise.htm

Para ilustrar isso, Saussure apresenta o exemplo do jogo de xadrez. Nesse jogo, temos várias peças e elas se definem unicamente pelas funções que lhe são conferidas pelas regras do jogo. Não importa se o cavalo ou a torre é feito de plástico ou de madeira, se é grande ou pequeno, se foi pintado de verde ou de amarelo. Tudo isso pode variar. Além disso, se uma peça é perdida, nós podemos substituí-la por um objeto qualquer e convencionar que ele será o cavalo ou a torre e desempenhará a mesma função da peça perdida.

Como Saussure relaciona isso à língua? Assim como no jogo, um elemento qualquer da língua – um fonema ou um morfema, por exemplo – é definido com base nas relações para com os outros elementos do mesmo sistema e pela sua função no interior desse sistema e não com base em suas propriedades físicas. Você saberá mais sobre essa relação com o jogo de xadrez ao assistir ao vídeo proposto na atividade 10.

2.4 - PARADIGMA E SINTAGMA

Essa dicotomia diz respeito à forma como as unidades constitutivas do sistema linguístico estão relacionadas umas às outras. Há relações sintagmáticas e paradigmáticas.

As relações sintagmáticas estão associadas ao caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Nós vimos que uma das características do signo linguístico é a linearidade do significante e vimos também que uma frase é constituída por um número de signos que são apresentados em linha, no tempo, um depois do outro. Assim, quando combinamos unidades como “minha vida”; “re-ter”; “eu sou muito feliz”, estamos compondo sintagmas.

“Osintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas” (SAUSSURE, 1995, p. 142).

As relações sintagmáticas “dizem respeito às articulações entre os sintagmas e relacionam-se às diversas possibilidades de combinação entre essas unidades.” (COSTA, 2008, p. 121). Essas relações são estabelecidas entre dois ou mais termos que estão presentes (anteriores ou subsequentes) em um mesmo contexto sintático. Por isso são consideradas relações *in praesentia*.

De acordo com Saussure, um termo, colocado em um sintagma, só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos.

Além das relações sintagmáticas, as línguas também apresentam relações associativas ou paradigmáticas. Saussure (1995, p. 143) explica que, “fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas”.

Os elementos da língua são armazenados em nossa memória com base em alguns traços que os caracterizam, como estrutura, sentido, semelhança sonora etc. Assim esses elementos nunca estão isolados em nossa memória. Por exemplo, a palavra “ensino” ativa inconscientemente uma associação com outros termos como “educação”, “aprendizagem”, “escola”. “Todas têm algo de comum entre si.” (SAUSSURE, 1995, p. 143).

Diferentemente das sintagmáticas, que são relações *in praesentia*, as paradigmáticas são relações *in absentia*, “pois caracterizam a associação de um termo que está presente em um determinado contexto sintático com outros que estão ausentes desse contexto, mas que são importantes para a sua caracterização em termos opositivos” (COSTA, 2008, p. 120).

Essas relações sintagmáticas e paradigmáticas ou associativas ocorrem concomitantemente. Vejamos uma ilustração dessa concomitância:

Na sequência “Eu queria muito comprar um biquíni”, a unidade “biquíni”, por exemplo, ao mesmo tempo em que se encontra em relação paradigmática/associativa com maiô, canga, chapéu, praia, clube, sol, bronzeador, piscina, mar, também mantém relação sintagmática com os elementos “Eu”, “queria”, “muito”, “comprar” e “um”.

Para Costa (2008, p. 122), “adotando uma perspectiva estruturalista, podemos afirmar, então, que o que permite o funcionamento da língua é o sistema de valores constituído pelas associações, combinações e exclusões verificadas entre as unidades linguísticas”.

2.5 - SINCRONIA E DIACRONIA

Você deve se lembrar de que já fizemos referência a esse par conceitual. Essa dicotomia está relacionada ao método de investigação a ser adotado pelo linguista em suas pesquisas.

Como vimos, os linguistas do século XIX desenvolviam estudos diacrônicos. O estudo diacrônico (através do tempo) objetiva estabelecer uma comparação entre dois momentos da evolução histórica de uma língua. Já o estudo sincrônico de uma língua tem como fim a descrição de um determinado estado dessa língua em um determinado momento. “É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático de nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções.” (SAUSSURE, 1995, p. 96)

Vamos ilustrar esses dois tipos de estudos. Se realizamos um estudo das mudanças de uma língua – português, inglês ou espanhol, por exemplo – no tempo, estamos fazendo um estudo diacrônico. O que é estudar as mudanças de uma língua no tempo? É comparar, por exemplo, o português do século XVIII com o do século XXI, para identificar o que mudou ao longo do tempo.

E um estudo sincrônico?

Um exemplo de estudo sincrônico seria a análise da variação entre o uso de “ter” e “haver” no português contemporâneo no Brasil (COSTA, 2008).

Para Saussure, “o linguista deve estudar principalmente o sistema da língua, observando como se configuram as relações internas entre seus elementos em um determinado momento do tempo” (COSTA, 2008, p. 118).

Lopes (1980) acredita que essa grande dicotomia saussureana tem a maior importância, “uma vez que separa os fatores internos de um sistema *dos fatores externos, histórico-culturais*, que condicionam esse sistema” (p. 74)

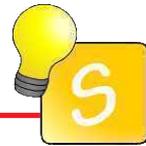
Até aqui nós apresentamos, brevemente, as principais idéias formuladas por Saussure. Elas constituem a base da linguística estrutural e representam a fundação da linguística moderna. Contudo, é importante destacar que o Estruturalismo não se limita à Europa e a Saussure.

De acordo com Borba (1991), em sua primeira fase o Estruturalismo tem dois focos: em Praga e outro em Copenhague. Eles se distinguem pelo que privilegiam dos estudos saussureanos. Borba afirma que o Círculo Linguístico de Praga centra-se na dicotomia sincronia e diacronia e na autonomia da língua. Desse grupo, fazem parte estudiosos como Trubetzkoi, Jakobson e Mathesius. Já o grupo de Copenhague tem como nome importante Hjelmslev. Este autor esboçou uma teoria conhecida como Glossemática, a qual apura alguns conceitos propostos por Saussure, especialmente os de forma e substância (da expressão e conteúdo).

É na linha do estruturalismo de Praga que está a corrente estruturalista norte-americana, conforme Borba (1991). No tópico 3, aprenderemos um pouco sobre a linguística descritiva americana.

3 - O ESTRUTURALISMO NORTE-AMERICANO

Esse estruturalismo é representado pelas idéias de Leonard Bloomfield.



Leonard Bloomfield (1887-1949) é considerado o fundador da linguística estrutural norte-americana. Nasceu em Chicago e se formou como bacharel na Universidade de Harvard no ano de 1906, recebendo o doutorado na Universidade de Chicago em 1909. Em 1917 pesquisou o Tagalog e outros idiomas extensivamente, e na década de 1920 trabalhou no agrupamento dos idiomas Nativos americanos. Teve um papel fundamental ao fundar a Sociedade Linguística da América, em 1924. Bloomfield é mais conhecido pelo seu compromisso com a linguística como uma ciência independente, e sua insistência no uso de procedimentos científicos. No início de sua carreira foi influenciado pelo Behaviorismo, uma escola psicológica baseada no estudo objetivo do comportamento. Ele fundamentou seu trabalho, especialmente pela aproximação do significado com os princípios behavioristas. Seu trabalho principal, *Language (Linguagem)* (1933), é considerado por muitos como o texto clássico de linguística estrutural, também tida com o próprio estruturalismo. O livro sintetizou a teoria e prática de análise linguística. Na verdade, Bloomfield, junto com Edward Sapir foi um precursor do Estruturalismo Americano, seguido por seu discípulo Zellig Harris. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonard_Bloomfield)

Suas idéias foram “desenvolvidas e sistematizadas sob o rótulo de *distribucionalismo* ou *linguística distribucional*” (COSTA, 2008, p. 123). O método que caracteriza a vertente norte-americana da linguística estrutural é conhecido como análise distribucional. Ele foi apresentado por Bloomfield, por meio da publicação *Language*, em 1933. É um método descritivo e indutivo que parte da observação de um corpus para descrever seus elementos constituintes: frase, sintagmas, palavras, morfemas, fonemas.

Bloomfield queria elaborar um sistema coerente e único de conceitos descritivos que fosse aplicável à descrição sincrônica de qualquer língua. Para ele, a língua, como forma de comportamento, é uma entidade autônoma, que pode ser descrita por si mesma por meio de técnicas aplicáveis mecanicamente.

Roulet divide em três as propostas dos estruturalistas norte-americanos:

- (i) descrição da língua falada corrente de um indivíduo ou de uma comunidade;
- (ii) limitação do campo de descrição, deixando de lado a significação e levando em consideração a forma;
- (iii) emprego de um método rigoroso, sistemático e objetivo, que permite inferir, de um corpus de gravação, a gramática de uma língua (ROULET, 1978, p. 20)

Bloomfield adota uma postura mecanicista e se apóia na psicologia behaviorista. Skinner é um dos maiores teóricos dessa abordagem, segundo a qual “o comportamento humano é totalmente explicável e, portanto, previsível a partir das situações em que se manifesta independente de qualquer *fator interno*.” (COSTA, 2008, p. 124). Esse comportamento é compreendido como estímulos e respostas.

De acordo com o behaviorismo, um indivíduo aprende a dizer uma palavra como mesa, por exemplo, na presença de uma mesa ou de um objeto semelhante não porque apreende o significado de mesa, mas, sim, porque responde a um estímulo reforçador provido pela comunidade.

Nessa perspectiva, a linguagem humana é entendida como uma resposta que o homem produz mediante estímulos que recebe da e na interação social. Entende-se que, a partir da repetição constante e mecânica, essa resposta é convertida em hábitos, que caracterizam o comportamento linguístico do falante.

Assim, para um behaviorista, a linguagem humana é “um fenômeno externo ao indivíduo, um sistema de

hábitos gerado como resposta a estímulos e fixado pela repetição” (COSTA, 2008, p. 128).

Com relação ao método adotado de análise distribucional, ele é considerado bastante formal. No processo de descrição de uma língua, a tarefa do pesquisador é restringida à classificação dos segmentos que aparecem nos enunciados do *corpus* e à identificação das leis de combinação de tais segmentos. Em uma análise desse tipo, temos, por exemplo, a estrutura da frase “Minha mãe leu um livro” descrita como a combinação de dois constituintes: um sintagma nominal (“minha mãe”) e um sintagma verbal (“leu um livro”). Mas a análise não para por aí. São analisados ainda os constituintes de cada um desses sintagmas: o sintagma nominal é formado por um determinante (“minha”) e por um substantivo “mãe”; o verbal é constituído por um verbo (“leu”) e por um sintagma nominal (“um livro”). Essa frase pode ainda ser segmentada em outros constituintes: palavras, morfemas e fonemas.

Como afirma Costa (2008, p. 125), as formulações propostas por Bloomfield, inspirado pelo behaviorismo, “representaram uma oposição às ideias mentalistas que defendiam que a fala deveria ser explicada como um efeito dos pensamentos (intenções, crenças, sentimentos) do sujeito falante”.

Outro teórico importante da linguística norte-americana do século XX é Edward Sapir. Em seus postulados está uma perspectiva antropológica. Ele preconiza que os resultados da análise estrutural de uma língua devem ser confrontados com os resultados da análise estrutural de toda a cultura do povo que fala essa língua. Dessa forma, apresenta a hipótese do “relativismo linguístico” conhecida como hipótese Sapir-Whorf. Para Sapir, “a língua socialmente formada influencia [...] a maneira pela qual a sociedade concebe a realidade” (Sapir, 1947, p. 11). Ele acredita que a língua é

é um guia para a realidade social. [...] Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que “o mundo real” é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes.” (SAPIR, 1947, p. 11)

Isso significa que as pessoas que falam diferentes línguas veem o mundo de forma diferente. Como se vê, os estudos de Sapir rompem os limites do estruturalismo saussureano (COSTA, 2008).

Comparando Bloomfield e Sapir, podemos dizer que o mecanicismo do primeiro apoia-se na psicologia behaviorista e que o segundo é um mentalista, “que vê na variedade do comportamento linguístico o efeito da ação de fatores psicológicos (vontade, emoção, reflexão, percepção etc.).” (BORBA, 1991, p. 313).

Conforme afirma Costa (2008, p. 126), “enquanto Sapir foi o pioneiro, Bloomfield foi o consolidador da linguística naquele país [Estados Unidos], criando uma teoria mais bem delimitada do que os linguistas anteriores.

Para ampliar nossos conhecimentos sobre o estruturalismo, vamos agora assistir a um vídeo.



IV - ATIVIDADE 10: ASSISTINDO A UM VÍDEO

No vídeo “Saussure para todos”, disponível no link: <http://www.youtube.com/watch?v=evwIBC9FBjA&feature=related>, disponível no AVA, você verá uma síntese de tudo que leu no guia impresso.



V - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR



Os textos a seguir vão ajudar você a entender melhor o Estruturalismo e tudo que foi exposto neste módulo 2. Eles estão disponíveis no AVA.

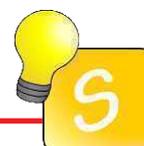
RODRIGUES, R. da S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf

NASCIMENTO, E. M. F. dos S. Saussure: o estruturalista antes do termo. **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras. Franca (SP), v. 4, n. 4, p. 259-276, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://www.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/viewFile/233/187>

MILAN, S. E. Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral. **Letras & Letras**, Uberlândia 25 (1) 55-71, jan./jun. 2009.

VI - ATIVIDADE 11: PRODUÇÃO DE UMA SÍNTESE

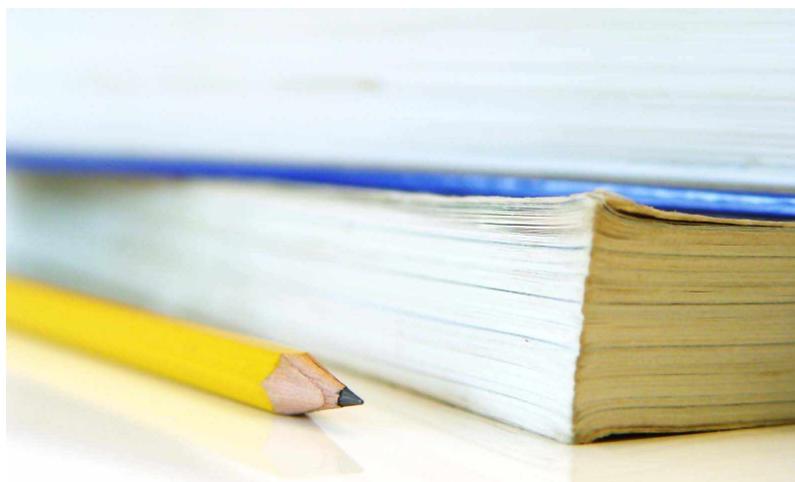
Para finalizar o nosso módulo II, você produzirá um texto de no máximo duas páginas com uma síntese sobre o estruturalismo, com base no material lido e no vídeo a que assistiu. Não deixe de explicitar as principais contribuições do Estruturalismo, o principal nome associado à teoria e de falar sobre as dicotomias saussureanas. O tamanho de referência da página é A4, fonte Times New Roman, 12, espaçamento entre linhas de 1,5cm, margens esquerda e superior – 3 cm – e direita e inferior – 2 cm.



Para saber como fazer uma síntese, leia os arquivos:

VILARINHO, S. **Resumo de texto**. s/d. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/redacao/resumo-texto.htm>

VII-ATIVIDADE 12: CONTINUAÇÃO DA CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA



Após a leitura de todo o material referente ao módulo 2 e após assistir ao vídeo proposto, você já deve ter noções importantes sobre o Estruturalismo. Como fizemos no módulo 1, vamos continuar a criação de um glossário colaborativo. Nosso foco agora são os conceitos apresentados no módulo 2.

De tudo que foi visto no módulo, você deve selecionar duas palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, é importante reler o guia para esclarecer suas dúvidas. Se necessário, assista ao vídeo mais uma vez.

Orientações para o desenvolvimento da atividade:

1. Clique em inserir novo item.
2. Digite o conceito e/ou explicação.
3. Clique em salvar mudanças.
4. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 2 itens.

Atenção! Se você copiar algum trecho de um artigo, de um livro ou de uma página da internet, por exemplo, você deve colocar entre aspas e citar a fonte.

Lembre-se de que o mais importante é você tentar definir e/ou explicar os termos ou expressões com suas palavras.

Como é um glossário colaborativo, nós precisamos auxiliar nossos parceiros como fizemos no módulo 1. Então, acesse os dois itens inseridos por um/a colega, clique em “Comentário”. Em seguida, redija um comentário referente ao que seu/sua colega escreveu sobre cada um dos itens.

NÃO SE ESQUEÇA DAS ATIVIDADES REFERENTES AO PIPE 1! NÃO DEIXE PARA FAZÊ-LAS SOMENTE NAS ÚLTIMAS SEMANAS.



VIII - REFERÊNCIAS

Módulo 2

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 11ª ed. Campinas: Pontes, 1991.

COSTA, M. A. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 113-126, 2008.

ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, F. BENTES, A. C. (org.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 53-92.

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística contemporânea**. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

LYONS, J. *Lingua(gem) e linguística: uma introdução*. Trad. Mirlida W. Averborg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

MILANI, S. E. Historiografia de Saussure: o Curso de Linguística Geral. **Letras & Letras**, Uberlândia 25 (1) 55-71, jan./jun. 2009.

NASCIMENTO, E. M. F. dos S. Saussure: o estruturalista antes do termo. **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras. Franca (SP), v. 4, n. 4, p. 259-276, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://www.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/viewFile/233/187>

ROULET, Eddy. **Teorias Linguísticas, Gramáticas e Ensino de Línguas**. São Paulo: Pioneira, 1972

SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Trad. J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1969. _____ **Selected writings of Edward Sapir**. Berkeley, University of California Press, 1947.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 20 ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, D. L. G. da. Uma leitura da noção de valor linguístico em Ferdinand de Saussure. Disponível em: http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/10_Denise.htm

RODRIGUES, R. da S. V. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. Disponível em: http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_saussure_e_a_definicao_de_lingua.pdf

AGENDA DO MÓDULO 3

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>1. O GERATIVISMO</p> <p>1.1 COMPETÊNCIA E DESEMPENHO</p> <p>1.2 A GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL</p>	<p>Atividade 13: Elaboração do plano de estudos</p> <p>Antes de iniciar a leitura do guia impresso, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início dos módulos anteriores. Organize-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 20 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.</p> <p>Atividade 14: Leitura do guia de estudos do módulo III</p> <p>Atividade 15: Leitura de um artigo de Eduardo Kenedy (2008), disponível no AVA e estudo de texto.</p> <p>Para saber mais sobre o gerativismo e para conhecer a teoria de princípios e parâmetros que sucedeu a proposição da gramática transformacional, você agora vai ler um artigo de Eduardo Kenedy (2008), disponível no AVA. Vá até lá!</p> <p>É importante que você o leia com muita atenção e destaque nele as informações mais importantes.</p> <p>No final do artigo, Kenedy apresenta oito questões relativas ao gerativismo. Delas, você deverá responder às questões de número 1, 2, 3, 5, 6 e 8 e encaminhar as respostas ao seu tutor.</p> <p>Para encaminhá-las, você deverá digitá-las. Para isso, deve usar fonte 12, Times New Roman ou Arial, espaço entre linhas 1,5 cm. As questões devem estar devidamente numeradas. No topo da página, é importante que você coloque um cabeçalho, contendo: nome da universidade, do curso, da disciplina, do professor e o seu nome.</p>	<p>SOBRE A ATIVIDADE 15: Estudo de texto</p> <p>Valor = 0 - 4 pontos</p>
	<p>Atividade 16: Continuação da criação de um glossário da disciplina</p> <p>Após a leitura de todo o material referente ao módulo 3 e após a realização das atividades propostas, você já deve ter noções importantes sobre o Gerativismo. Como fizemos nos módulos anteriores, vamos continuar a criação de um glossário colaborativo. Nosso foco agora são os conceitos apresentados no módulo 3.</p> <p>De tudo que foi visto no módulo, você deve selecionar duas palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, é importante reler o guia para esclarecer suas dúvidas. Se necessário, assista ao vídeo mais uma vez.</p>	

	<p>Orientações para o desenvolvimento da atividade:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Clique em inserir novo item. 2. Digite o conceito e/ou explicação. 3. Clique em salvar mudanças. 4. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 2 itens. <p>Como é um glossário colaborativo, nós precisamos auxiliar nossos parceiros como fizemos nos módulos 2 e 3. Então, acesse os dois itens inseridos por um/a colega, clique em “Comentário”. Em seguida, redija um comentário referente ao que seu/sua colega escreveu sobre cada um dos itens</p>	
	<p>Atividade: Leitura Complementar</p> <p>Para complementar seus estudos sobre o Gerativismo e para uma análise comparativa do Estruturalismo e Gerativismo, sugiro a leitura do texto disponível no AVA e em:</p> <p>http://www.professores.uff.br/eduardo/artigos_arquivos/manualdelinguistica_2008.pdf</p> <p>(KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In.: Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127- 140.)</p>	

Módulo 3 - Gerativismo

Conteúdos básicos

- Gramática Gerativa ou Gerativismo
- Competência e desempenho
- Agramática transformacional
- Agramática universal: princípios e parâmetros

Objetivos

- Apresentar os principais pressupostos teóricos do Gerativismo

Caro/a aluno/a:

Vamos iniciar agora o nosso terceiro módulo. Nele nos concentraremos no Gerativismo.

Neste módulo, apresentamos os principais pressupostos de uma das correntes mais produtivas do século XX na Linguística: o gerativismo ou gramática gerativa. Tratamos das contribuições de Noam Chomsky, de suas hipóteses fundamentais acerca da faculdade de linguagem.

Espero que seus estudos sejam bem produtivos.

Principais materiais

Neste módulo, além do guia de estudos impresso, você fará leituras de hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 15 horas, distribuídas entre: leitura do material didático, desenvolvimento de atividades práticas e de atividades avaliativas.

Principais formas de avaliação

Estudo de texto.



I - ATIVIDADE 13: ELABORAÇÃO DO PLANO DE ESTUDOS

Antes de iniciar a leitura do guia impresso, é importante que você faça um planejamento dos seus estudos, como fez no início dos módulos anteriores. Organize-se para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 15 horas para concluí-lo. Portanto, planeje sua semana.



II - ATIVIDADE 14: LEITURA DO GUIA DE ESTUDOS



Você acha que nós, humanos, temos uma capacidade inata de usar a linguagem? Escreva, em seu guia impresso, sua opinião sobre o assunto.

1 - O GERATIVISMO

Como vimos no módulo anterior, até aproximadamente 1950, a teoria da linguagem proposta por Bloomfield dominou nos Estados Unidos. Com os avanços nos estudos linguísticos, teve início, nesse mesmo país, no final da década de 1950, a Linguística Gerativa ou Gerativismo, ou, ainda Gramática Gerativa.



“A gramática é gerativa, porque de um número limitado de regras permite gerar um número infinito de sentenças. Reflete o comportamento do locutor que, a partir de uma experiência finita e acidental da língua, pode produzir e compreender um número infinito de frases novas.” (PETER, 2002, p. 22)

Essa corrente de estudos teve origem nos trabalhos do linguista Noam Chomsky. Em 1957, ele publicou seu primeiro livro, “Estruturas sintáticas” e, em função disso, considera-se esse ano como o do nascimento do Gerativismo. Essa abordagem surgiu como uma resposta e também como uma reação ao estruturalismo tradicional, centrado nos dados observáveis, e ao modelo behaviorista de descrição dos fatos da linguagem dominante durante toda a metade do século XX.

Chomsky não concordava com a visão comportamentalista da linguagem sustentada pelos behavioristas. Para ele, o ser humano sempre age criativamente no uso da linguagem, pois, a todo momento, constrói frases novas e inéditas. Já no behaviorismo, não há espaço para essa criatividade.

Para Chomsky, a criatividade é uma qualidade peculiar ao homem, a qual o distingue das máquinas e de outros animais. Contudo, ele se refere a uma criatividade regida por regras, uma vez as frases novas e inéditas que os falantes são capazes de produzir são construídas com base nas regras de boa formação identificáveis em uma língua.

Chomsky procura construir uma teoria que, na sua opinião, seria capaz de superar as deficiências do Estruturalismo e tentar explicar quais são os mecanismos subjacentes responsáveis por essa criatividade na linguagem.

Segundo Borba (1991), essa fase da Linguística é “marcada pela preocupação de grandes sínteses em busca de uma teoria geral e operatória que determine as propriedades imanentes das línguas, isto é, as características próprias e imutáveis da linguagem humana: os universais.

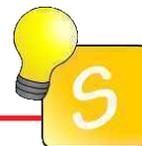
O Gerativismo ou Linguística Gerativa é uma ciência de natureza formal, que se baseia na Lógica Simbólica e na Matemática e cuja orientação é racionalista.



As ciências formais são um ramo das ciências que estuda os sistemas formais, como por exemplo, a lógica, matemática, teoria dos sistemas e os aspectos teóricos da ciência computacional, teoria da informação, microeconomia, teoria da decisão, estatística e linguística.

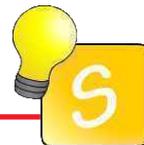
As ciências formais são construídas em cima de símbolos e regras.

A diferença entre as ciências formais e as ciências naturais é o fato das formais começarem com ideias teóricas que levam a outras ideias teóricas através do processo do pensamento, enquanto as naturais começam com a observação do mundo real que leva para modelos mais ou menos úteis para uma parte empírica da realidade. Nunca se aprende nada empírico através do estudo apenas das ciências formais. Nunca é possível provar nada empírico através do uso das ciências formais. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Ci%C3%A7ncias_formais)



Segundo a perspectiva do racionalismo, a fonte e origem do conhecimento é a razão e não a experiência como se concebe no empirismo. Acredita nas ideias inatas e no raciocínio lógico. Ao contrário dessa concepção, temos a empirista que refuta a existência das ideias inatas e postula “que a mente é uma tabula rasa ou página em branco, cujo material provém da experiência”. ([HTTP://www.philosophy.pro.br/racionalismo_empirismo_02htm.htm](http://www.philosophy.pro.br/racionalismo_empirismo_02htm.htm))

Ela usa o método dedutivo e opera, dessa forma, com hipóteses acerca da natureza, da estrutura e do funcionamento da linguagem.



A dedução é o caminho das conseqüências, pois uma cadeia de raciocínios em conexão descendente, ou seja, do geral para o particular, leva à conclusão. Segundo esse método, partindo-se de teorias e leis gerais, pode-se chegar à determinação ou previsão de fenômeno ou fatos particulares.

Exemplo clássico de raciocínio dedutivo:

Todo homem é mortal: universal, geral;
João é homem: particular;
Logo, João é mortal: conclusão.

A indução percorre o caminho inverso ao da dedução, isto é, a cadeia de raciocínios estabelece a conexão ascendente, ou seja, do particular para o geral. Neste caso, as constatações particulares são que levam às leis gerais.

Exemplo de raciocínio indutivo:

O calor dilata o ferro: particular;
O calor dilata o cobre: particular;
O calor dilata o bronze: particular;
O ferro, o cobre e o bronze são metais
Logo, o calor dilata os metais: universal, geral.

(http://www.iesambi.org.br/apostila_2007/metodos_pesquisa.htm)

Segundo a proposta de Chomsky, a Linguística deixa de ser apenas descritiva e passa a ser explicativa. Para ele, não basta apenas observar e classificar os dados; é preciso ter uma teoria explicativa que preceda os

dados e que possa explicar não só as frases realizadas como também as que poderiam ser produzidas pelo falante. Essa teoria é denominada “gramática” (PETTER, 2002). *A teoria da gramática*, como é conhecida, trata de todas as frases gramaticais, isto é todas as frases que pertencem à língua” (PETTER, 2002, p. 22).

Como dissemos, o método adotado é o dedutivo, pois Chomsky e seus seguidores acreditam que um fenômeno só é explicado quando se pode deduzi-lo de leis gerais.

Para Chomsky, o ser humano tem uma capacidade inata, genética de falar e entender uma língua. Assim, parte do princípio de que a capacidade de linguagem é inata ao homem. Ao contrário dos behavioristas que entendiam que essa capacidade era completamente determinada pelo mundo exterior, Chomsky defende que ela é interna ao organismo humano.

Ele acredita que ela constitui a competência linguística de um falante. “Essa disposição inata para a competência linguística é o que ficou conhecido como faculdade da linguagem” (KENEDY, 2008, p. 129).

Chomsky denomina de competência linguística o conhecimento inconsciente que o falante possui sobre a sua língua. É a capacidade que todo falante tem de produzir e compreender as frases da língua. Ela também engloba um saber que o falante tem a respeito das frases. É com base nesse saber que ele consegue comparar estruturas sintáticas semelhantes, separar frases que fazem parte da língua das que não fazem.

A língua é definida por Chomsky como um conjunto infinito de frases e a linguagem é considerada uma faculdade natural da espécie humana.

O gerativismo volta-se para a constituição de um modelo teórico capaz de descrever e explicar essa faculdade. Os gerativistas se preocupam com o funcionamento dessa faculdade na mente humana.

Segundo Petter (2002, p. 22),

Os gerativistas estão preocupados em apreender na análise das línguas propriedades comuns, universais da linguagem, que constituem a gramática universal (GU). As propriedades formais das línguas e a natureza das regras exigidas para descrevê-las são consideradas mais importantes do que a investigação das relações entre linguagem e o mundo.

1.1 - COMPETÊNCIA E DESEMPENHO

Se a dicotomia *langue* e *parole* é marcante no Estruturalismo, igualmente o é a dicotomia competência e desempenho no Gerativismo.

Chomsky faz uma distinção entre competência e desempenho. O primeiro conceito diz respeito ao plano universal, ideal e próprio da espécie humana – inato. Já o segundo refere-se ao plano individual, particular e exteriorizado.

A competência linguística de um falante é, conforme Lyons (1987), a porção do seu conhecimento do sistema linguístico, por meio da qual ele é capaz de produzir um conjunto infinitamente grande de sentenças que constitui a sua língua. Ela tem sido definida como o saber linguístico implícito dos sujeitos falantes.

Petter (2002) afirma que é a competência do falante a responsável pela organização dos elementos linguísticos que constituem uma sentença, conferindo-lhes *gramaticalidade*.

Você sabe o que é uma frase gramatical e uma agramatical?

Vamos tecer algumas considerações sobre esse conceito “**gramaticalidade**”.

Para a descrição e explicação da faculdade da linguagem, recorre-se à intuição linguística dos falantes para a identificação da gramaticalidade ou agramaticalidade de uma frase.

Os falantes são capazes de julgar se uma frase pertence ou não à sua língua. Se é possível de ser realizada em uma língua, é gramatical; se não, é agramatical.

Para assinalar a agramaticalidade, usa-se o asterisco como em:

(*) Tarefa esta muito sua complicada é.

Pode-se dizer, então, que uma “sequência de palavras é agramatical (*) quando não respeita as regras gramaticais do sistema linguístico, do conhecimento internalizado de que dispõe o falante” (PETTER, 2002, p. 22).

No que diz respeito ao desempenho, ele é entendido como uma manifestação exterior e atualizada, num dado momento, desse saber implícito que tem os falantes. É, segundo Lyons (1987, p. 173),

o comportamento linguístico; e é determinado não apenas pela competência linguística do falante, mas também por uma variedade de fatores não linguísticos que incluem, por um lado, convenções sociais, crenças acerca do mundo, as atitudes emocionais do falante em relação ao que está dizendo, seus pressupostos sobre as atitudes de seu interlocutor, etc. e, por outro lado, o funcionamento dos mecanismos psicológicos e fisiológicos envolvidos na produção dos enunciados.

Como exemplifica Kenedy (2008), se você queria pronunciar a frase “Vou tentar a sorte”, mas acabou dizendo “Vou tentar a torte”, o que aconteceu foi um problema de desempenho e não de falta de conhecimento do sistema linguístico. E esse problema pode ter ocorrido pelo fato de você estar muito emocionado, estressado, desatento ou por outras razões. Isso porque o desempenho envolve diversos tipos de habilidade que não são linguísticas.

Essa distinção competência e desempenho é central no gerativismo.

De acordo com Lopes (1980) e com Lyons (1987), os conceitos de competência e de desempenho podem ser aproximados, respectivamente, dos conceitos saussureanos *langue*, com a ressalva de que Saussure não enfatizou o aspecto criador *langue*, e *parole*.

Para Chomsky, o linguista tem como tarefa descrever a competência do falante e não o desempenho. Assim, defende que o objeto da ciência é a competência, assim como *langue* para Saussure.

1.2 - A GRAMÁTICA TRANSFORMACIONAL

A gramática transformacional constitui a primeira elaboração do modelo gerativista.

O próprio nome leva-nos a estabelecer uma relação com transformação, certo? É isso mesmo! Os gerativistas estavam preocupados em descrever como os constituintes das sentenças eram formados e como eles se transformavam em outros por meio da aplicação de regras.

Vamos exemplificar isso.

A frase “Maria comprou um presente” possui quatro itens lexicais e constitui uma declaração. A partir dela, outras frases podem ser formadas como “Um presente foi comprado por Maria”, “O que Maria comprou?”, “Quem comprou um presente?”

Considerando essas possibilidades, “os gerativistas perceberam que as infinitas sentenças de uma língua eram formadas a partir da aplicação de um finito sistema de regras (a gramática) que transformava uma estrutura em outra (sentença ativa em passiva, declarativa em interrogativa, afirmativa em negativa, etc.)” (KENEDY, 2008, p. 131).

Esse sistema de regras que se assumia como o conhecimento linguístico existente na mente do falante de uma língua e que deveria ser descrito e explicado pelo gerativista.

Para representar estruturas sintáticas, os gerativistas usam um esquema, como o apresentado abaixo, denominado de *diagrama arbóreo* ou *árvore*.

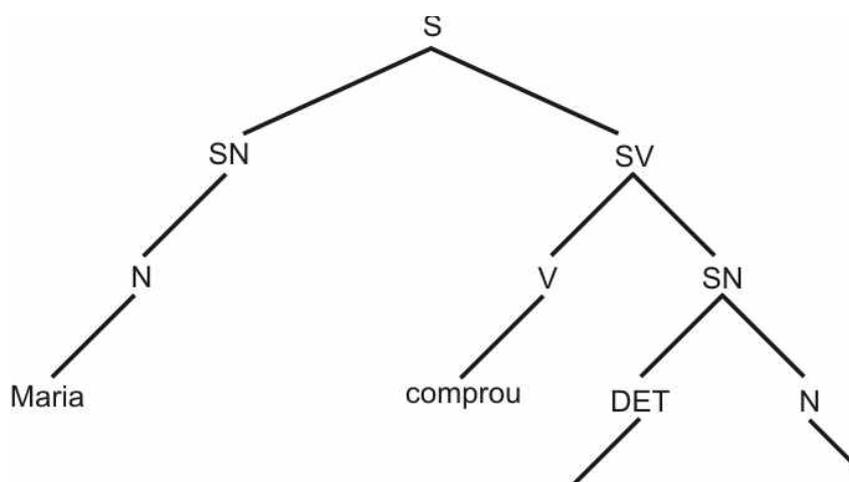


Figura 4: Diagrama arbóreo ou árvore

Nessa árvore, S corresponde à sentença; SN, à sintagma nominal; SV, à sintagma verbal; N, a nome; V, a verbo; DET, a determinante.

Por meio dessas regras de composição sintagmática, é possível explicar como uma estrutura simples como a exemplificada é gerada, mas como explicar a formação de uma estrutura passiva relacionada a essa estrutura ativa?

Para dar conta disso, os gerativistas elaboraram as regras transformacionais. Considerando que uma transformação forma uma estrutura a partir de uma já existente, os gerativistas chamaram a primeiramente construída de *deestrutura profunda*, e a que dela originou de *deestrutura superficial*.

Assim, a frase “Maria comprou um presente” é a estrutura profunda e a frase “Um presente foi comprado por Maria” é a estrutura superficial. Nesse processo de transformação, inseriu-se o verbo “ser” no pretérito perfeito, o verbo comprar passou para o particípio, o que era objeto na 1ª frase passou para a posição de sujeito na 2ª, e o agente da ação (“Maria”) foi manifesto como um sintagma preposicionado (“por Maria”).

Para finalizar, apresento a seguinte citação:

Esse aspecto deve ser enfatizado: nem Saussure nem Chomsky negam que as línguas tenham seu lado social e histórico, mas estes não são, para eles, o objeto específico do estudo científico. Em Saussure, a unidade de análise vai até o item lexical ou o sintagma, e em Chomsky ela chega à frase. (MARCLUSCHI, 2008, p. 32)

III - ATIVIDADE 15: LEITURA E ESTUDO DE TEXTO

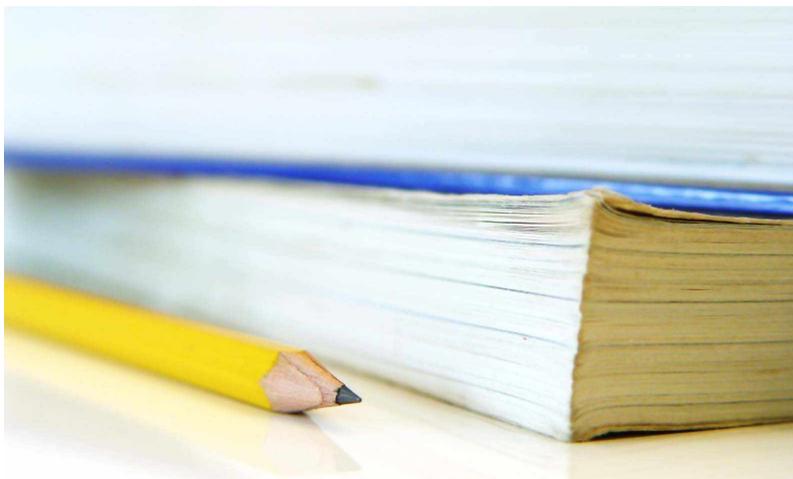
Para saber mais sobre o gerativismo e para conhecer a teoria de princípios e parâmetros que sucedeu a proposição da gramática transformacional, você agora vai ler um artigo de Eduardo Kennedy (2008), disponível no AVA. Vá até lá!

É importante que você o leia com muita atenção e destaque nele as informações mais importantes.

No final do artigo, Kennedy apresenta oito questões relativas ao gerativismo. Delas, você deverá responder às questões de número 1, 2, 3, 5, 6 e 8 e encaminhar as respostas ao seu tutor.

Para encaminhá-las, você deverá digitá-las. Para isso, deve usar fonte 12, Times New Roman ou Arial, espaço entre linhas 1,5 cm. As questões devem estar devidamente numeradas. No topo da página, é importante que você coloque um cabeçalho, contendo: nome da universidade, do curso, da disciplina, do professor e o seu nome.

IV - ATIVIDADE 16: CONTINUAÇÃO DA CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA



Após a leitura de todo o material referente ao módulo 3 e após a realização das atividades propostas, você já deve ter noções importantes sobre o Gerativismo. Como fizemos nos módulos anteriores, vamos continuar a criação de um glossário colaborativo. Nosso foco agora são os conceitos apresentados no módulo 3.

De tudo que foi visto no módulo, você deve selecionar duas palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, é importante reler o guia para esclarecer suas dúvidas. Se necessário, assista ao vídeo mais uma vez.

Orientações para o desenvolvimento da atividade:

1. Clique em inserir novo item.
2. Digite o conceito e/ou explicação.
3. Clique em salvar mudanças.
4. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 2 itens.

Atenção! Se você copiar algum trecho de um artigo, de um livro ou de uma página da internet, por exemplo, você deve colocar entre aspas e citar a fonte.

Lembre-se de que o mais importante é você tentar definir e/ou explicar os termos ou expressões com suas palavras.

Como é um glossário colaborativo, nós precisamos auxiliar nossos parceiros como fizemos nos módulos 2 e 3. Então, acesse os dois itens inseridos por um/a colega, clique em "Comentário". Em seguida, redija um comentário referente ao que seu/sua colega escreveu sobre cada um dos itens.



V - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR



Para complementar seus estudos sobre o Gerativismo e para uma análise comparativa do Estruturalismo e Gerativismo, sugiro a leitura do texto disponível no AVA e em:

<http://sites.google.com/site/linguaelinguistica/correntes-teoricas/gerativismo>

NÃO SE ESQUEÇA DAS ATIVIDADES REFERENTES AO PIPE 1! NÃO DEIXE PARA FAZÊ-LAS SOMENTE NAS ÚLTIMAS SEMANAS.



VI - REFERÊNCIAS

Módulo 3

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. 11ª ed. Campinas: Pontes, 1991.

KENEDY, E. Gerativismo. In: Mário Eduardo Toscano Martelotta. (Org.). In. : Manual de lingüística. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 127- 140. Disponível em: http://www.professores.uff.br/eduardo/artigos_arquivos/manualdelinguistica_2008.pdf

LOPES, E. **Fundamentos da Linguística contemporânea**. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

LYONS, J. **Lingua(gem) e linguística: uma introdução**. Trad. Marilda W Averborg e Clarisse S. de Souza. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

PETTER, M Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, J. L. (org) **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. São Paulo, Contexto, 2002, p. 11- 24.

http://www.iesambi.org.br/apostila_2007/metodos_pesquisa.htm

http://www.philosophy.pro.br/racionalismo_empirismo_02htm.htm

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ci%C3%Aancias_formais

AGENDA DO MÓDULO 4

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>1. O FUNCIONALISMO E LINGÜÍSTICA</p> <p>1.1 O FUNCIONALISMO EUROPEU: A ESCOLA DE PRAGA, A ESCOLA DE LONDRES E O GRUPO HOLANDÊS</p> <p>1.2 O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO</p>	<p>Atividade 17: Leitura do guia de estudos</p> <p>Atividade: Leitura complementar</p> <p>Para saber mais sobre as funções da linguagem, faça esta leitura complementar.</p> <p>No AVA, você encontrará o arquivo “slides sobre funções da linguagem”. Acesse-o para complementar seus estudos.</p> <p>Atividade: Leitura Complementar</p> <p>Para complementar o que foi lido até aqui, acesse o arquivo “Introdução ao funcionalismo”, disponível no AVA. Ele contém uma síntese do artigo “Funcionalismo” de Angélica Furtado da Cunha, publicado no livro organizado por Martelotta (2008), intitulado Manual de Linguística.</p> <p>Atividade 18: Participando de um Fórum de Discussão</p> <p>O ponto central deste módulo foi o Funcionalismo. Além de explicitarmos o que caracteriza essa perspectiva teórica, nós também tecemos considerações acerca dos pontos em que ela se distancia ou não do Formalismo.</p> <p>Para um/a estudante do curso de Letras, é importante ter clareza sobre essas duas correntes teóricas. Por isso, você agora vai ler um artigo em que se faz uma importante discussão sobre as duas abordagens e se destaca a necessidade de vê-las como não mutuamente excludentes.</p> <p>O artigo é de Luciano Amaral Oliveira, tem como título Formalismo e Funcionalismo: fatias da mesma torta e foi publicado em 2003.</p> <p>Caso você julgue importante, acesse também o site: http://sites.google.com/site/linguaelinguistica/correntes-teoricas.</p> <p>Com base no que leu em seu guia de estudos e nos textos indicados, escreva neste Fórum de Discussão pelo menos três diferenças entre as duas correntes teóricas e se posicione sobre a seguinte questão: o formalismo e o funcionalismo são posições teóricas excludentes? É importante você justificar seu posicionamento.</p> <p>No decorrer das discussões, tente comparar a sua resposta com a dos/as colegas e comente a resposta de pelo menos dois colegas</p>	<p>SOBRE A ATIVIDADE 18: Participando de Fórum de discussão</p> <p>Valor = 0 - 4 pontos</p>

	<p>Atividade 19 Continuação da criação de um glossário da disciplina</p> <p>Após a leitura de todo o material referente ao módulo 4, você já tem noções importantes sobre o Estruturalismo. Como fizemos nos módulos anteriores, vamos continuar a criação de um glossário colaborativo. Nosso foco agora são os conceitos apresentados no módulo 4.</p> <p>De tudo que foi visto no módulo, você deve selecionar duas palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, é importante ler o guia para esclarecer suas dúvidas. Se necessário, assista ao vídeo mais uma vez.</p> <p>Orientações para o desenvolvimento da atividade:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Clique em inserir novo item. 2. Digite o conceito e/ou explicação. 3. Clique em salvar mudanças. 4. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 2 itens. <p>Atenção! Se você copiar algum trecho de um artigo, de um livro ou de uma página da internet, por exemplo, você deve colocar entre aspas e citar a fonte.</p> <p>Lembre-se de que o mais importante é você tentar definir e/ou explicar os termos ou expressões com suas palavras.</p> <p>Como é um glossário colaborativo, nós precisamos auxiliar nossos parceiros como fizemos nos outros módulos. Então, acesse os dois itens inseridos por um/a colega, clique em "Comentário". Em seguida, redija um comentário referente ao que seu/sua colega escreveu sobre cada um dos itens.</p>	
	<p>Atividade : Leitura complementar</p> <p>Como leitura complementar, sugiro os textos a seguir:</p> <p>MARTINS, A. P. P. Funcionalismo linguístico: um breve percurso histórico da Europa aos Estados Unidos. Domínios de Linguagem, ano 3, no. 2, 2º sem. de 2009, p. 18-35. Disponível em: www.dominiosdelinguagem.org.br/pdf/dl6/DL%206%20-%203.pdf</p> <p>NEVES, M. H. de M. Estudos Funcionalistas no Brasil. D. E. L. T. A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999, p. 70-104.</p> <p>OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. Linguagem & Ensino, v. 10, n. 1, p. 87-108, jan./jun. 2007.</p> <p>No primeiro, há uma retomada de tudo que vimos neste módulo. O segundo focaliza o Funcionalismo no Brasil e o terceiro trata das contribuições que essa teoria pode fornecer ao ensino de Línguas.</p>	

Módulo 4 - Funcionalismo

Conteúdos básicos

- Of uncionalismo em Linguí stica
- Of uncionalismo europeu: a Escola de Praga, a Escola de Londres e o Grupo Holandês
- Of uncionalismo norte- americano

Objetivos

- Apresentar os principais pressupostos teóricos do Funcionalismo

Caro/a aluno/a:

Vamos iniciar agora o penúltimo módulo da disciplina “Introdução aos Estudos da Linguagem integrada à prática educativa (PIPE 1)” do Curso de Letras - Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa.

Este módulo é destinado ao estudo do Funcionalismo em Linguística. Nele, procuramos explicitar o postulado central do paradigma funcionalista, segundo o qual as línguas são instrumentos de interação social e como tal as análises desse objeto devem levar em conta o contexto e as especificidades da situação de interação.

Desejo a você sucesso em seus estudos!

Principais materiais

Neste módulo, além do guia de estudos impresso, você fará leituras de hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 20 horas, distribuídas entre: leitura do material didático e desenvolvimento de atividades avaliativas e não avaliativas.

Principais formas de avaliação

Fórum de discussão.

1 - O FUNCIONALISMO EM LINGUÍSTICA



I - ATIVIDADE 17: LEITURA DO GUIA IMPRESSO

Como você já viu, em linhas bem gerais, a corrente estruturalista está ligada ao conceito de estrutura e a gerativista está relacionada à capacidade do falante de gerar inúmeras frases novas e inéditas. Considerando a relação entre os nomes dessas correntes e o que elas significam, escreva abaixo o que você imagina que pode ser o funcionalismo em Linguística.

Os funcionalistas consideram que há uma relação estreita entre linguagem e sociedade e, nessa perspectiva, concebem a linguagem como um instrumento de interação social. Eles não separam o sistema linguístico das funções que seus elementos preenchem.

O funcionalismo preocupa-se em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas. O interesse de investigação linguística dos funcionalistas não se restringe à estrutura gramatical, mas busca na situação de comunicação a motivação para os fatos da língua. Ao fazer isso, leva em conta tudo que está envolvido nessa situação: os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo.

Como afirma Cunha (2008, p. 157), “A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso”. Isso significa que, para explicar por que um falante utilizaria a frase (a) abaixo em lugar da (b), não observa apenas seus constituintes, a ordem em que aparecem, por exemplo, mas analisa as condições em que cada uma ocorre.

- a) Você é gentil.
- b) Gentil é você.

Como explica Cunha (2008), ao apresentar exemplos semelhantes a esses, a frase (b) pressupõe que algo foi dito e só faz sentido em um contexto em que o interlocutor tenha feito o mesmo elogio; ela “está relacionada a uma situação comunicativa típica de réplica, marcada pela inversão do predicado (...) [gentil], que vai para o início da frase” (p. 157).

Essa breve exemplificação ilustra como a abordagem funcionalista considera que a estrutura dos enunciados

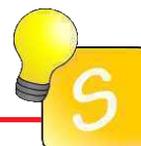
é determinada pelo uso e pelo contexto comunicativo em que ocorrem. Para isso, os funcionalistas procuram trabalhar com dados reais de fala ou escrita coletados de contextos efetivos de comunicação.

Cunha aponta como importante característica do funcionalismo “a visão de que a linguagem não constitui um conhecimento específico, como propõem os gerativistas, mas um conjunto complexo de atividades comunicativas, sociais e cognitivas integradas ao resto da psicologia humana” (p. 158).

A abordagem funcionalista não se limita a uma teoria particular, mas corresponde a vários modelos teóricos. Eles têm diferenças em certos aspectos, mas apresentam pontos essenciais em comum. Dentre eles, a base comum de que uma análise linguística deve levar em conta a interação social, isto é, a consideração de que o componente discursivo desempenha um papel preponderante na gramática de uma língua” (PEZZATTI, 2004). Vamos apresentar agora alguns dos diferentes modelos funcionalistas.

1.1 - O FUNCIONALISMO EUROPEU: A ESCOLA DE PRAGA, A ESCOLA DE LONDRES E O GRUPO HOLANDÊS

As primeiras análises funcionalistas são atribuídas aos membros da Escola de Praga, oriunda do Círculo Linguístico de Praga.



Saiba mais sobre o Círculo Linguístico de Praga, acessando o seguinte endereço eletrônico: <http://claudetelima.webnode.com.br/products/circulo-linguistico-de-praga/>

Esses membros opunham-se a algumas ideias saussureanas, a saber: a distinção entre sincronia e diacronia e a noção de homogeneidade do sistema linguístico. Contudo, apesar de o funcionalismo europeu ser constantemente contrastado ao estruturalismo, é importante destacar que ele “surge como um movimento particular dentro do estruturalismo, enfatizando a função das unidades linguísticas” (CUNHA, 2008, p. 159).

Entre os principais representantes da Escola de Praga estão, como já dissemos, Nikolaj Trubetzkoy e Roman Jakobson. Segundo Cunha (2008), a principal contribuição dos membros dessa escola foi o uso dos termos função/funcional, o estabelecimento dos fundamentos teóricos básicos do funcionalismo e as análises que levam em conta parâmetros pragmáticos e discursivos.

Os funcionalistas de Praga, em oposição à corrente da Linguística que concebia o estudo da linguagem como expressão do pensamento, destacaram a multifuncionalidade da linguagem. Considerando que a linguagem possui diferentes funções, associadas a comportamentos comuns na vida social, alguns cientistas procuraram delimitar as funções que a linguagem desempenha. Dentre eles, destacam-se Roman Jakobson e M. A. K. Halliday.

Jakobson parte do pressuposto de que uma mensagem eficaz requer: um remetente; um destinatário; uma mensagem; um contexto apreensível pelo destinatário; um código que seja reconhecido pelo remetente e destinatário; um contato ou canal físico. Com base nesses elementos constitutivos do ato da comunicação, ele postulou seis funções da linguagem, sendo cada uma centrada em um desses elementos:

FUNÇÃO	ELEMENTO DO ATO DE COMUNICAÇÃO
REFERENCIAL	CONTEXTO
EMOTIVA	REMETENTE
CONATIVA	DESTINATÁRIO
FÁTICA	CANAL
METALINGUÍSTICA	CÓDIGO
POÉTICA	MENSAGEM



Você deve ter estudado essas funções no Ensino Médio. Para lembrar o que significa cada função, vá a internet e visite o site: http://educacao.uol.com.br/portugues/funcoes_linguagem.jhtm

Membro da Escola de Londres, Michael K. Halliday propôs na década de 1970 uma teoria funcional “centrada em um conceito amplo de função, que inclui tanto as funções de enunciados e textos quanto as funções de unidades dentro de uma estrutura” (CUNHA, 2008, p. 162). Desde os anos 60, ele vem desenvolvendo a teoria conhecida como Linguística Sistêmico- Funcional (LSF). Ela é considerada uma teoria do significado como escolha, pela qual uma língua, ou qualquer outro sistema semiótico, é interpretado como redes de opções: ‘ou isso, ou aquilo, ou aquilo outro’, etc. (HALLIDAY, 1994). As escolhas, na perspectiva da LSF, são significativas e determinam a criação de diferentes significados, na medida em que determinam diferentes interpretações da realidade e criam diferentes visões de mundo. O principal foco dessa teoria é estudar como a linguagem atua no contexto social e como o mesmo a influencia. Ela é, portanto, preocupada em mostrar como a organização da linguagem é relacionada ao seu uso.

A LSF concebe a linguagem como um sistema sociosemiótico que constrói nossa realidade social por meio de estruturas lexicogramaticais que são, de acordo com Halliday, recursos de uma cultura para produzir significado. Mas o que significa dizer que “a linguagem é uma semiótica³ social”? Significa que

A linguagem surge na vida do indivíduo por meio de um processo de troca de significados com outros significantes. Uma criança cria, primeiro, sua língua/gem infantil, então sua língua/gem materna, em interação com um pequeno número de pessoas que constitui seu grupo de significado. Nesse sentido, a linguagem é um produto do processo social (HALLIDAY, 1978, p. 1).

Para ele, ‘social’ no termo ‘semiótica social’ é sinônimo de cultura:

Social no sentido do sistema social, eu tomo como sinônimo de cultura. Assim, quando eu digo ‘semiótica social’ (ou sociosemiótico), eu estou me referindo à definição de um sistema social, ou uma cultura, como um sistema de significados. Mas eu também pretendo uma interpretação mais específica da palavra ‘social’ para indicar que nós estamos particularmente preocupados com as relações entre a linguagem e a estrutura social, considerando a estrutura social como um aspecto do sistema social. (HALLIDAY, 1989, p. 4-5)

²Segundo Halliday (1994), a LSF segue a tradição funcional europeia. Ela é baseada na teoria sistema-estrutura de Firth, mas deriva de princípios mais abstratos de Hjelmslev; possui muitas idéias da Escola de Praga e do funcionalismo etnográfico e do contextualismo de Malinovski.

³Halliday prefere considerar a semiótica como o “estudo do significado em seu sentido mais geral” ao invés de considerá-la como o “estudo dos signos” (HALLIDAY, 1989, p. 4).

Definir a linguagem como uma ‘semiótica social’ implica, portanto, que uma ‘comunidade’ de falantes partilha conhecimento sobre o sistema da língua, significados e situações. A linguagem, dessa forma, pode ser considerada, de uma perspectiva linguística funcional, como um “sistema multi-níveis em que falantes e escritores fazem escolhas motivadas pelos significados apropriados a um dado contexto, e então expressam essas escolhas lexicogramaticais em sons ou por escrito” (BUTT et al. 2000, p. 11). A linguagem é, portanto, condicionada pelo contexto social. Os dois - linguagem e contexto social – são tratados, na LSF, como níveis semióticos complementares que estabelecem entre si uma relação de realização um com o outro. Essa realização implica que a linguagem constrói o contexto social, é por ele construída e o reconstrói, numa relação dialética.

Halliday postula que a linguagem é multifuncional e desempenha o que ele chama de macrofunções: a ideacional, a interpessoal e a textual. Segundo ele,

Todas as línguas são organizadas em torno de dois principais tipos de significado, o ‘ideacional’ ou refletivo, e o ‘interpessoal’ ou ativo. Esses componentes, chamados ‘metafunções’ na terminologia da presente teoria, são as manifestações no sistema linguístico dos dois propósitos gerais que subjazem todos os usos da língua/gem: i) entender o meio (ideacional) e (ii) agir sobre os outros nesse meio (interpessoal) (HALLIDAY, 1994: xiii).

Vamos saber um pouco sobre cada uma dessas funções:

1. *função ideacional*: a linguagem tem uma função representacional – nós a usamos para codificar nossa experiência do mundo: ela veicula um quadro da realidade.
2. *função interpessoal*: inclui “tudo que pode ser entendido como a expressão de nossas próprias personalidades e sentimentos pessoais, por um lado; e formas de interação e ação social com outros participantes na situação de comunicação, por outro lado” (HALLIDAY, 1997, p. 36).
3. *função textual*: nós a usamos para organizar nossos significados experienciais (ideacionais) e interpessoais dentro de um todo coerente e linear. É relacionada à organização do texto.

No chamado Grupo Holandês, também se vê presente a tendência de analisar a língua de um ponto de vista funcional. Desse grupo, destaca-se o linguista holandês Simon Dik. Ele trabalha com um concepção teleológica de linguagem, ou seja, a linguagem é usada para determinado fim.



II - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR



Para saber mais sobre as funções da linguagem, faça esta leitura complementar.

No AVA, você encontrará o arquivo “slides sobre funções da linguagem”. Acesse-o para complementar seus estudos.

1.2 - O FUNCIONALISMO NORTE-AMERICANO

De acordo com Cunha (2008, p. 163),

É por volta de 1975 que as análises linguísticas explicitamente classificadas como funcionalistas começam a proliferar na literatura norte-americana. Essa corrente surge como reação às impropriedades constatadas nos estudos de cunho estritamente formal, ou seja, nas pesquisas estruturalistas e gerativistas. Os funcionalistas norte-americanos advogam que uma dada estrutura da língua não pode ser proveitosamente estudada, descrita ou explicada sem referência à sua função comunicativa, o que, aliás, caracteriza todos os funcionalismos até aqui mencionados. Diferentemente das teorias formais, o funcionalismo pretende explicar a língua com base no contexto linguístico e na situação extralinguística.

Um dos precursores dessa abordagem norte-americana é Dwight Bolinger e o texto considerado pioneiro no desenvolvimento dessa abordagem é *The Origins of Syntax in Discourse*, publicado em 1976 por Gillian Sankoff e Penelope Brown. Linguistas norte-americanos como Givón, Sandra Thompson e Paul Hopper têm trabalhos importantes nessa perspectiva teórica.

A informatividade, a iconicidade, a marcação, a transitividade e plano discursivo e a gramaticalização estão entre os princípios e categorias centrais dessa corrente funcionalista.

A *informatividade* refere-se ao conhecimento que os interlocutores partilham, ou supõem partilhar, numa situação de interação. Na interação, nós temos as informações consideradas “dadas” ou já conhecidas – as que já ocorreram no texto ou estão disponíveis na situação de fala –, as “novas” – introduzidas pela primeira vez no discurso – e as que são “inferíveis” – identificadas por meio de um processo de inferência, a partir de outras informações dadas.

A *iconicidade* é definida como “a correlação natural e motivada entre forma e função, isto é, entre o código linguístico (expressão) e seu significado (conteúdo)” (CUNHA, 2008, p. 167).

A *marcação* é uma particularidade que distingue por oposição binária um termo (marcado) de outro (não-marcado). Nessa oposição, um termo é considerado marcado quando exhibe uma propriedade ausente no outro – o não-marcado. Esses termos podem ser da categoria fonológica, morfológica ou sintática.

Vamos ver um exemplo?

Na categoria morfológica, se observarmos a categoria de número (singular e plural), diremos que “livros” [+plural] é marcada em oposição a “livro” [-plural], forma não-marcada.

A *transitividade e plano discursivo* – Ao longo de sua vida escolar, você deve ter trabalhado com a noção de transitividade quando classificava verbos em transitivos, transitivos diretos, indiretos. A proposta de Hopper e Thompson (1980) não é essa. Eles tratam “a transitividade como uma propriedade escalar que focaliza diferentes ângulos da transferência da ação de um agente para um paciente em diferentes porções da oração” (CUNHA, 2008, p. 171).

Os dois autores associam a transitividade a uma função pragmática. Eles estabelecem uma relação segundo a qual as orações com alta transitividade – em geral formadas com verbos de ação – marcam porções centrais de um texto e as com baixa transitividade – em geral formadas com verbos estáticos “ser” e “estar” – marcam as porções periféricas.

A *gramaticalização* é um fenômeno relacionado ao contínuo fazer-se e refazer-se da gramática. Na perspectiva funcionalista, a gramática de qualquer língua é vista como um organismo maleável e exhibe mecanismos de codificação emergentes. Como exemplo de gramaticalização, Cunha (2008) cita a trajetória de substantivos e

verbos para conjunções como: o verbo “querer”, que passou a ser usado como conjunção alternativa em “Quer chova quer faça sol, estarei lá”, ou o elemento “logo”, que no português arcaico tinha valor de substantivo e que atualmente pode ser empregado como conjunção conclusiva “Penso, logo existo”.



III - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR



Para complementar o que foi lido até aqui, acesse o arquivo “Introdução ao funcionalismo”, disponível no AVA. Ele contém uma síntese do artigo “Funcionalismo” de Angélica Furtado da Cunha, publicado no livro organizado por Martelotta (2008), intitulado Manual de Linguística.



IV - ATIVIDADE 18: PARTICIPANDO DE UM FÓRUM

Um ponto central deste módulo foi o Funcionalismo. Além de explicitarmos o que caracteriza essa perspectiva teórica, nós também tecemos considerações acerca dos pontos em que ela se distancia ou não do Formalismo.

Para um/a estudante do curso de Letras, é importante ter clareza sobre essas duas correntes teóricas. Por isso, você agora vai ler um artigo em que se faz uma importante discussão sobre as duas abordagens e se destaca a necessidade de vê-las como não mutuamente excludentes.

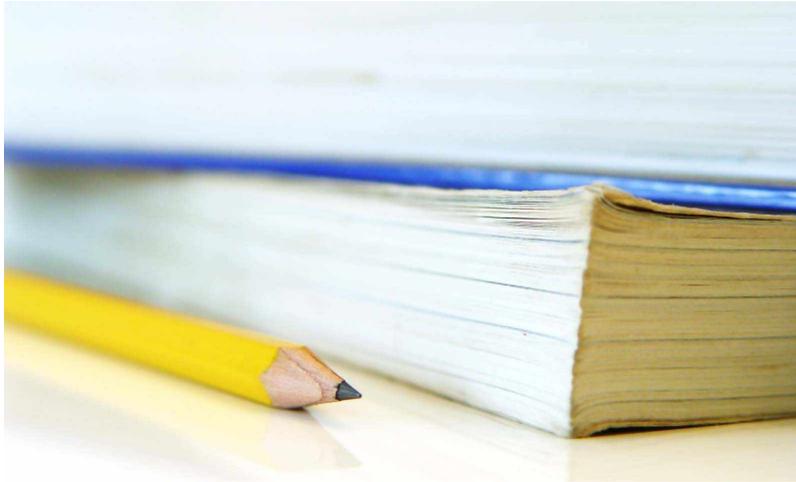
O artigo é de Luciano Amaral Oliveira, tem como título Formalismo e Funcionalismo: fatias da mesma torta e foi publicado em 2003.

Caso você julgue importante, acesse também o site: <http://sites.google.com/site/linguaelinguistica/correntes-teoricas>

Com base no que leu em seu guia de estudos e nos textos indicados, escreva neste Fórum de Discussão pelo menos três diferenças entre as duas correntes teóricas e se posicione sobre a seguinte questão: o formalismo e o funcionalismo são posições teóricas excludentes? É importante você justificar seu posicionamento.

No decorrer das discussões, tente comparar a sua resposta com a dos/as colegas e comente a resposta de pelo menos dois colegas.

V - ATIVIDADE 19: CONTINUAÇÃO DA CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA



Após a leitura de todo o material referente ao módulo 4, você já tem noções importantes sobre o Funcionalismo. Como fizemos nos módulos anteriores, vamos continuar a criação de um glossário colaborativo. Nosso foco agora são os conceitos apresentados no módulo 4.

De tudo que foi visto no módulo, você deve selecionar duas palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, é importante reler o guia para esclarecer suas dúvidas. Se necessário, assista ao vídeo mais uma vez.

Orientações para o desenvolvimento da atividade:

1. Clique em inserir novo item.
2. Digite o conceito e/ou explicação.
3. Clique em salvar mudanças.
4. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 2 itens.

Atenção! Se você copiar algum trecho de um artigo, de um livro ou de uma página da internet, por exemplo, você deve colocar entre aspas e citar a fonte.

Lembre-se de que o mais importante é você tentar definir e/ou explicar os termos ou expressões com suas palavras.

Como é um glossário colaborativo, nós precisamos auxiliar nossos parceiros como fizemos nos módulos 2 e 3. Então, acesse os dois itens inseridos por um/a colega, clique em “Comentário”. Em seguida, redija um comentário referente ao que seu/sua colega escreveu sobre cada um dos itens.



VI - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR



Como leitura complementar, sugiro os textos a seguir:

NEVES, M H. de M Estudos Funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999, p. 70- 104.

OLIVEIRA, M R. de; CEZARIQ M M PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino.** , v. 10, n. 1, p. 87- 108, j an. /j un. 2007.

No primeiro, há uma retomada de tudo que vimos neste módulo. O segundo focaliza o Funcionalismo no Brasil e o terceiro trata das contribuições que essa teoria pode fornecer ao ensino de línguas.

NÃO SE ESQUEÇA DAS ATIVIDADES REFERENTES AO PIPE 1! NÃO DEIXE PARA FAZÊ-LAS SOMENTE NAS ÚLTIMAS SEMANAS.



VII - REFERÊNCIAS

Módulo 4

CUNHA, A. F. da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 157-176.

HALLIDAY, M. A. K. **Halliday: system and function in language**. Seleção e org. G. Kress. Oxford: Oxford University Press, 1976.

_____. **Language as social semiotic: the social interpretation of language and meaning**. Londres, Nova York, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1978.

_____. Part A. In: HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989. p. 1-49.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. Londres, Melbourne, Auckland: Edward Arnold, 1994.

_____. Language in a social perspective. In: COUPLAND, N. & JAWORSKY, A. **Sociolinguistics: A reader and course-book**. Nova York: St. Martin's Press, 1997, p. 31-39.

HALLIDAY, M. A. K. & HASAN, R. **Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective**. 2 ed. Oxford: Oxford University Press, 1989.

NEVES, M. H. de M. Estudos Funcionalistas no Brasil. **D.E.L.T.A.**, Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999, p. 70-104.

OLIVEIRA, M. R. de; CEZARIO, M. M. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, v. 10, n. 1, p. 87-108, jan./jun. 2007.

PEZATTI, E. G. O Funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.) **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004, p. 165-218.

AGENDA DO MÓDULO 5

CONTEÚDO	DESENVOLVIMENTO DO CONTEÚDO	AVALIAÇÕES
<p>1. TEORIAS DA ENUNCIÇÃO</p> <p>1.1 A ORIGEM DA NOÇÃO DE ENUNCIÇÃO E OS ESTUDOS DE EMILE BENVENISTE</p> <p>1.2 ALGUNS REPRESENTANTES DA TEORIA DA ENUNCIÇÃO</p>	<p>Atividade 20: Elaboração do plano de estudos</p> <p>Antes de iniciar a leitura do guia impresso, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início dos módulos anteriores. Neste último módulo, além de aprender sobre mais um campo de abordagem dentro da Linguística, você irá concluir o seu portfólio referente ao PIPE 1. Portanto, você precisa se organizar bem para a semana em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 25 horas semanais para concluí-lo. Portanto, planeje bem sua semana.</p> <p>Atividade 21: Leitura do guia de estudos</p> <p>Atividade: Leitura Complementar</p> <p>No texto a seguir, disponível no AVA, você encontrará uma comparação entre a concepção de enunciação em Benveniste e em Ducrot.</p> <p>BARBISAN, L. B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. Letras, n° 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos 2007, p. 23-35.</p> <p>Atividade: Leitura complementar</p> <p>Para conhecer mais sobre o trabalho desses teóricos da enunciação e para participar da atividade 20, é importante que você leia os seguintes textos que estão disponíveis no AVA e na internet:</p> <p>FLORES, V. do N. et al. A perspectiva enunciativa de estudo da linguagem. In: FLORES, V. do N. et al. Enunciação e gramática. São Paulo: Contexto, 2008. Disponível no AVA e em: seeds10.com/pdf/livros/cultura/2603187.pdf</p> <p>WERNER, K. C. G. Os estudos da enunciação e a formação do professor de línguas. Disponível em: http://pt.scribd.com/doc/42318392/OS-ESTUDOS-DA-ENUNCIACAO-E-A-FORMACAO-DO-PROFESSOR-DE-LINGUAS</p> <p>Atividade 22 – Wiki – Teorias da enunciação</p> <p>Neste último módulo, você vai realizar uma atividade avaliativa, diferente das realizadas nos módulos anteriores, chamada de wiki. Ela é uma atividade assíncrona de construção coletiva de um texto. Os participantes do curso criam e editam o texto em conjunto, porém todos têm o direito de modificá-lo livremente. Para isso, é importante haver um bom entrosamento dos participantes uma vez que todos devem estar comprometidos com a produção de um texto de autoria coletiva.</p> <p>O texto a ser produzido deve ser do tipo dissertativo. Nele vocês vão expor os conhecimentos adquiridos acerca dos estudos da enunciação, com base no que leram no guia impresso e nos textos indicados para leitura complementar.</p>	<p>SOBRE A ATIVIDADE 22: Wiki</p> <p>Valor: 0 - 4 pontos</p>

	<p>Na introdução do texto, é importante que se apresente uma visão geral das teorias da enunciação. No desenvolvimento do texto, deve-se contemplar as seguintes questões:</p> <ol style="list-style-type: none"> Qual é o principal representante dos estudos da enunciação? Qual é o objeto das teorias da enunciação? Como enunciação e enunciado são definidos? O que as teorias da enunciação incluem no objeto da linguística? Como se concebem a língua e a linguagem nas teorias da enunciação? Há um método específico utilizado nessas teorias? <p>No desenvolvimento, ainda, pode-se relacionar as teorias da enunciação às teorias estudadas nos módulos anteriores. Na conclusão do texto, pode-se tecer algumas considerações gerais sobre o que foi dito ao longo do texto e fazer uma apreciação do que propõe a Linguística da Enunciação.</p> <p>Fique atento:</p> <ol style="list-style-type: none"> O tutor dividirá a turma em 4 ou 5 grupos, dependendo do número de alunos, e postará a nome dos integrantes no Fórum de Notícias; Ao identificar a qual grupo você está vinculado, clique sobre o seu grupo e participe da construção do texto colaborativo (Grupo 1, 2, 3, 4 ou 5); Você pode alterar o texto do seu colega, fazer correções e acrescentar a sua parte. Lembre-se: é uma escrita colaborativa! <p>LEMBRE-SE! A wiki é uma ferramenta que permite ao aluno construir um texto coletivo, ou seja, em grupo. Para a realização dessa atividade clique em wiki canto esquerdo e depois em editar (após a sua escrita) clique em salvar.</p> <p>DICA: Na Wiki, cada um pode escrever o seu texto e também mudar os textos já postados pelos seus colegas, construindo uma escrita coletiva. Uma dica bem legal para identificar o que foi escrito e/ou modificado por cada participante é cada um escolher uma cor de fonte para a sua postagem. Não vale apagar todas as ideias dos colegas, mas sim, ir cada vez, melhorando a escrita do texto. Para mudar a cor basta selecionar com o cursor do mouse a parte do texto que desejar colorir. O ideal é que cada integrante do grupo escolha uma cor e, ao escrever seu texto, utilize apenas essa.</p>	
	<p>Atividade 23 – Continuação da criação de um glossário da disciplina</p> <p>Para concluir a elaboração de nosso glossário da disciplina, vamos, agora, inserir palavras ou expressões relativas ao que estudamos no módulo 5. Para isso, você deve selecionar duas palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, como foi feito nos módulos anteriores, é importante reler o guia para esclarecer suas dúvidas.</p> <p>As orientações para o desenvolvimento da atividade são as que você já conhece:</p> <ol style="list-style-type: none"> Clique em inserir novo item. Digite o conceito e/ou explicação. Clique em salvar mudanças. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 2 itens. <p>Como é o glossário que estamos construindo é produto de um trabalho colaborativo, é importante que você acesse os itens inseridos por um/a colega, clique em “Comentário” e redija um comentário referente ao que ele/a escreveu sobre cada um dos dois itens.</p>	

	<p>Atividade 24 – Envio de portfólio – PIPE 1</p> <p>Caro/a aluno/a, chegou a hora de você encaminhar para seu tutor o portfólio que produziu como resultado do PIPE 1.</p> <p>Espero que você tenha investido na realização da proposta do PIPE 1 ao longo de todo o curso para não ficar sobrecarregado/a agora.</p> <p>Releia com bastante atenção as páginas 15-17 do módulo 1, onde estão as orientações sobre o PIPE e sobre o portfólio para esclarecer suas dúvidas e para se certificar de que fez seu trabalho em conformidade com a proposta.</p> <p>Conte com seu tutor para esclarecer suas dúvidas.</p> <p>Sucesso!</p>	<p>SOBRE A ATIVIDADE 24: Envio de portfólio – PIPE 1</p> <p>Valor: 0 - 20 pontos</p>
--	--	---

Módulo 5 - Teorias da Enunciação

Conteúdos básicos

- Teorias da enunciação: noções introdutórias
- A origem da noção de enunciação e os estudos de Émile Benveniste
- Alguns representantes das teorias da enunciação

Objetivos

- Apresentar o campo das Teorias da Enunciação, seus principais autores e os fundamentos epistemológicos.

Caro/a aluno/a:

Vamos iniciar agora o último módulo da disciplina “Introdução aos Estudos da Linguagem integrada à prática educativa (PIPE 1)” do Curso de Letras - Licenciatura em Inglês e Literaturas de Língua Inglesa.

Este módulo é destinado ao estudo das Teorias da Enunciação. Nele, apresentamos noções introdutórias dessas teorias, que tratam do fenômeno da enunciação.

É importante lembrar que, durante as duas semanas deste módulo, você deverá concluir a produção de seu portfólio e encaminhá-lo ao seu tutor. Bom trabalho!

Espero que você conclua este módulo com muito êxito!

Principais materiais

Neste módulo, além do guia de estudos impresso, fará leituras de hipertextos e desenvolverá suas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) Moodle.

Tempo de dedicação neste módulo

Para desenvolver as atividades deste módulo, recomendamos uma dedicação de, pelo menos, 30 horas, distribuídas entre: leitura do material didático e desenvolvimento de atividades avaliativas e não avaliativas.

Principais formas de avaliação

Wiki.

OBS: O portfólio que será enviado ao tutor, no final do módulo, corresponde a uma avaliação de tudo que foi realizado ao longo do desenvolvimento da disciplina e não só do módulo 5.

Atividade 20: Elaboração do plano de estudos

Antes de iniciar a leitura do guia impresso, é importante que você faça um planejamento semanal dos seus estudos, como fez no início dos módulos anteriores. Neste último módulo, além de aprender sobre mais um campo de abordagem dentro da Linguística, você irá concluir o seu portfólio referente ao PIPE 1. Portanto, você precisa se organizar bem para as duas semanas em que o módulo será ministrado. Lembre-se de que você precisará dispor de 15 horas semanais para concluí-lo. Portanto, planeje bem suas duas semanas.

Atividade 21: Leitura do guia de estudos

1 - TEORIAS DA ENUNCIÇÃO

Uma variedade de correntes e teorias é abrangida sob o rótulo *teorias da enunciação*, uma vez que tratam do fenômeno enunciação. Elas recebem denominações diferentes, em conformidade com o modo como tratam a enunciação – seu objeto. Em todas elas, encontra-se referência a enunciado/enunciação.

Fazem parte dessa variedade a semântica, a pragmática, a teoria dos atos de fala, a análise da conversação, a linguística textual, a análise de discurso, nas suas mais diversas formas.

Assim, pode-se dizer que não existe uma Teoria da Enunciação, mas Teorias da Enunciação. Nesse mesmo sentido, Paveau e Sarfati (2006) falam em Linguísticas Enunciativas. Já Flores e Teixeira (2005) usam o termo no singular, Linguística da Enunciação, e explicam que ela foi desenvolvida especialmente na França e compreende várias teorias. Falam, então, em teorias da enunciação (no plural) e em Linguística da Enunciação (no singular). Por perceberem uma unidade nessas teorias, postulam uma Linguística da Enunciação. Segundo estes dois autores, essas teorias são representadas pelos trabalhos (totais ou parciais) de Charles Bally, Roman Jakobson, Émile Benveniste, Oswald Ducrot, Jacqueline Authier-Revuz, Antoine Culioli, Kerbrat-Orecchioni, entre outros.

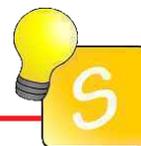
Todas essas teorias têm princípios “vinculados, principalmente, aos conceitos saussureanos de *relação*, de *língua* e *fala* e à importância da prioridade da ordem” (BARBISAN & FLORES, 2009, p. 5). Elas têm como fundamento comum uma crítica à linguística da língua e um desejo de estudar os fatos de ‘fala’: a produção de enunciados por locutores na situação real de comunicação. Contudo, como afirmam Paveau e Sarfati (2006), elas não devem ser vistas como radicalmente opostas à linguística da língua, porque se fundamentam em uma parte de suas origens: “Bally, Benveniste e Culioli, por exemplo, são gramáticos formados no campo estruturalista.” (p. 174).



I - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR



Para saber mais um pouco sobre a linguística da língua, indico a leitura do capítulo IV – Linguística da língua e linguística da fala – do livro *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand de Saussure. No AVA, você encontra arquivo em pdf com esse capítulo.



Os postulados da linguística da língua – criticada pelas teorias da enunciação – são resumidos por Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 6-8) em cinco pontos:

- a) Trata-se de uma linguística do código, ao qual devem ser relacionados todos os fatos da fala;
- b) A frase é a unidade superior a que a análise chega;
- c) O mecanismo de produção dos sentidos é relativamente simples; tem apenas um duplo suporte: o significante lexical e certas construções sintáticas;
- d) O problema da ‘fala’, quando é considerado, é limitado ao esquema da comunicação de Roman Jakobson (veja no módulo 4). Nele, a comunicação é tida como transparente e sempre bem sucedida e a fala aparece como um colóquio ideal;
- e) O postulado da imanência, que afirma o estudo da língua nela e por ela mesma, desconsiderando totalmente o que está fora da língua – o extralinguístico.

Dada a diversidade de teorias da enunciação, Flores e Teixeira (2005, p. 104) asseveram que não há um método único de análise utilizado: “O método é o ponto de vista com base no qual esse objeto [a enunciação] será examinado e isso depende das relações epistemológicas que cada teoria instaura com as demais teorias de seu campo, com os outros campos da linguística e mesmo com outras áreas do conhecimento”.

1.1 - A ORIGEM DA NOÇÃO DE ENUNCIÇÃO E OS ESTUDOS DE ÉMILE BENVENISTE

Já nos anos de 1910 e 1920, alguns linguistas na Europa e na Rússia apresentavam interesse pelos problemas enunciativos. Dois exemplos são Charles Bally e Mikhail Bakhtin. Bakhtin (1895-1975) explicita sua concepção de linguagem como interativa e como isso implica necessariamente considerar a enunciação.

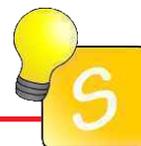
Apesar desses estudos realizados nesse período, é em Émile Benveniste (anos 1950 e 1960) que se tem o marco da teoria da enunciação. Ele é tradicionalmente considerado como o “pai”, como o linguista da enunciação e, como tal, é o principal representante dessa perspectiva teórica.

Conforme Flores e Teixeira (2005), Benveniste é um estruturalista, conserva concepções caras ao saussurianismo como estrutura, relação, signo, mas não é um continuado *stricto sensu* de Saussure. Ele supõe, ao contrário de Saussure, sujeito e língua articulados. Assim, a teoria da enunciação instaura um pensamento diferenciado a respeito da linguagem.

Diferentemente de Saussure, Benveniste considera a língua como essencialmente social. Para ele, somente a língua torna possível a sociedade. E, com relação à linguagem, Benveniste não a concebe como um instrumento de comunicação. Para ele, ela é o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito.

Para Benveniste (1989, p. 82), a enunciação é o “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Ao definir assim a enunciação

Separa-se ao mesmo tempo o ato – objeto de estudo da linguística da enunciação – do produto, isto é, o discurso. Esse ato é o próprio fato de o locutor relacionar-se com a língua com base em determinadas formas linguísticas da enunciação que marcam essa relação. Enunciar é transformar individualmente a língua – mera virtualidade – em discurso. (...) A enunciação, vista desse prisma, é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, a partir do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário. É a alocução que instaura o outro no emprego da língua (FLORES E TEIXEIRA, 2005, p. 35)



Em pragmática e análise do discurso, o termo alocutário designa a pessoa a quem o locutor dirige um ato de fala numa situação de comunicação oral ([http://www.infopedia.pt/\\$alocutario](http://www.infopedia.pt/$alocutario))

O conceito de enunciação “é sem dúvida a tentativa mais importante para ultrapassar os limites da linguística da língua” (MALDIDIER, NORMANDE ROBIN, 1994, p. 72). A partir desse conceito, há uma consolidação do estudo que busca evidenciar as relações da língua como linguagem assumida por um sujeito.

Os estudos da enunciação, principalmente a teoria da enunciação proposta por Benveniste, trazem para o foco a subjetividade. Segundo Benveniste (1991, p. 288), a subjetividade é entendida como “a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’”. Essa proposição como sujeito se dá por meio da linguagem, pois

É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de “ego”. (. . .) A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade – que eu me torne tu na locução daquele que por sua vez se designa por eu. (BENVENISTE, 1991, p. 286).

Assim, as teorias da enunciação incluem no objeto da linguística, além da subjetividade, questões que antes não eram consideradas, tais como: referência, dêixis, contexto, modalização. Isso significa que elas concebem esse objeto como heterogeneamente constituído e as distingue das abordagens que não consideram o sujeito da interação. A exclusão da subjetividade nestas abordagens permite, segundo Flores e Teixeira (2005, p. 100), “a apreensão do fenômeno da linguagem no quadro da repetibilidade. (. . .) é objeto de estudo aquilo que se repete, seja a aspectos universais, funcionais, contextuais etc.”.

Ao contrário disso, na linguística da enunciação, tem-se a abordagem de um objeto no qual se inclui o sujeito. Assim, é algo do campo da irrepetibilidade. Por que é irrepetível? Porque a enunciação é sempre única e irrepetível. Nós nunca conseguiremos reproduzir uma enunciação tal como ela se deu, porque “a cada vez que a língua é enunciada tem-se condições de tempo (agora), espaço (aqui) e pessoa (eu/tu) singulares” (FLORES & TEIXEIRA, 2005, p. 100). Dessa forma, cada análise da linguagem é também única. Somente a organização do sistema da língua é repetível.

O enunciado “Hoje e eu estou muito feliz com você neste lugar” pode ser repetido por vários sujeitos, mas não teremos uma mesma enunciação. Você sabe por quê? É porque a situação de enunciação – a qual é constituída pelo conjunto dos parâmetros que permitem a comunicação: o locutor, o alocutário, o lugar e o momento da interlocução – não será a mesma. As referências do “eu” – que designa sempre aquele que fala – e do “você” – aquele para quem se fala – serão sempre diferentes a cada instância em que são enunciados; a marca de tempo “Hoje e” e o presente do indicativo “estou” designarão sempre um tempo presente, mas será sempre um tempo novo a cada enunciação; e referência de “neste lugar” – indicador do espaço – também será sempre diferente a cada instância em que é enunciado.

De acordo com Orlandi (1995), o que caracteriza a teoria da enunciação é a colocação no centro da reflexão do sujeito da linguagem, ou seja, do locutor em sua relação com o alocutário. Ela é uma teoria que parte da distinção entre o enunciado – já realizado, o dito –, e a ~~enunciação~~ enunciação – a ação de produzir o enunciado. O que interessa à teoria da enunciação é “o processo de enunciação: a forma pela qual o sujeito se marca naquilo que diz” (ORLANDI, 1995, p. 59).

O uso de palavras como: eu, aqui, talvez, juro, devo, etc mostra como o locutor se relaciona com o que diz e com a situação de que participa. Orlandi explica que estudos feitos sobre essas marcas de enunciação mostram que há formas na língua que só podem ser definidas a partir de seu uso pelo sujeito.

Sobre o sujeito, Flores e Teixeira (2005) argumentam que o objeto de estudo de uma teoria linguística é a representação que a enunciação dá ao sujeito e não o sujeito. “A linguística da enunciação estuda a enunciação do sujeito e não o sujeito em si” (p. 108).

Segundo estes dois autores, os estudos da enunciação têm uma marca que os diferencia dos demais estudos linguísticos:

em todas as versões, a enunciação apresenta-se como uma reflexão sobre o dizer e não propriamente sobre o dito. Estudar a enunciação é dirigir o olhar para o fato de o locutor ter dito o que disse e não para o dito em si. O estudo do dito, do enunciado, é relevante para que por intermédio dele se chegue ao dizer, à enunciação.” (FLORES E TEIXEIRA, 2005, p. 110).

Aqui nós nos centramos especialmente nas contribuições de Benveniste, mas, como dissemos, há outros teóricos vinculados aos estudos da enunciação. Vamos conhecer um pouco sobre cada um.

1.2 - ALGUNS REPRESENTANTES DAS TEORIAS DA ENUNCIÇÃO

Charles Bally

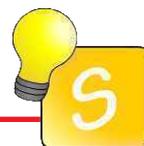
No prefácio que Bally e Albert Sechehaye fazem ao Curso de Linguística Geral, de Saussure, está registrado o seu interesse pelos estudos da enunciação. Ele é considerado por muitos como discípulo de Saussure. Segundo Flores e Teixeira (2005, p. 16), Bally desenvolveu uma linguística da fala. Ele parte do princípio de que “a linguagem é apta a expressão dos sentimentos. Isso significa que a estilística deve se preocupar com a presença da enunciação no enunciado e não apenas com o enunciado propriamente dito”.

Bally assume as distinções saussureanas língua/fala, sincronia/diacronia e paradigma/sintagma, mas, diferentemente de Saussure, ele se volta para uma abordagem da língua viva, no seu uso cotidiano e oral.

Roman Jakobson

De acordo com Flores e Teixeira (2005), a teoria das funções da linguagem de Jakobson e seu trabalho sobre *shifters* são algumas das primeiras sistematizações que se têm em linguística sobre o lugar do sujeito na língua. Por isso, Jakobson pode ser considerado um dos primeiros linguistas a pensar sobre as questões de enunciação.

A teoria das funções da linguagem, brevemente apresentada no módulo 4, supõe um sujeito: o sujeito falante, conforme Flores e Teixeira. Eles destacam que é com o estudo dos *shifters* que realmente Jakobson sistematiza um trabalho enunciativo da linguagem. Para ele, os *shifters* são os elementos do código que remetem à mensagem como os pronomes pessoais, por exemplo.



Jakobson (1957), no artigo intitulado “Shifters and Verbal Categories”, reconhece, na língua, a existência de unidades gramaticais que desempenham um papel importante dentro do processo de comunicação verbal. Essas unidades gramaticais destacam-se no seu estudo por duas razões:

(a) por definirem uma “classe de unidades gramaticais”; (b) por fornecerem subsídios para uma “classificação universal das categorias verbais”.

A essas unidades gramaticais, cuja função é *fazer referência à mensagem na qual é utilizada*, Jakobson denominou **SHIFTERS**. (...) Na categoria de “shifter”, estariam os pronomes pessoais (eu/tu, nós/vós e as formas possessivas equivalentes), as desinências verbais e, como coadjuvantes dos verbos, os modalizadores temporais (hoje/agora, etc. .) e espaciais (aqui/lá). (MAGALHÃES, 1998, p. 71-2). Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_MagalhaesEM1.pdf

Mikhail Bakhtin

Flores e Teixeira (2005, p. 45) mostram que as ideias de Bakhtin sobre a linguagem “anunciam a fundação de uma linguística que promoverá a enunciação como centro de referência do sentido dos fenômenos linguísticos, vendo-a como evento, sempre renovado, pelo qual o locutor se institui na interação viva com vozes sociais”.

Bakhtin concebe a enunciação como forma de interação verbal, cujo caráter principal é o dialógico. Nessa interação, sempre há um eu e um outro.

Enquanto um todo, a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, outras enunciações) (...). A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação (BAKHTIN, 1997, p. 125).



Acesse o material disponível em <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/enunciacao-enunciado> para entender melhor a concepção de enunciação e de enunciado em Bakhtin.

Para ele, o dialogismo é constitutivo da linguagem e condição de sentido do discurso.

Oswald Ducrot

Ducrot centra-se nos estudos da polifonia, da argumentação e da enunciação. Ele define enunciação como o acontecimento correspondente à produção de enunciado, em determinado momento do tempo e do espaço. “O sentido do enunciado é, para mim, uma descrição, uma representação que ele traz de sua enunciação, uma imagem do acontecimento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado” (DUCROT, 1980, p. 34). Para o autor, “sempre que se fala se fala de sua fala, ou seja o dito denuncia o dizer” (p. 40).

Ducrot (1988) investe no estudo da polifonia, entendida como a pluralidade de vozes presentes nos textos. Ele se volta contra a concepção de unicidade do sujeito, segundo a qual na base de cada enunciado subjaz um único autor, e apresenta sua teoria polifônica.

Em linhas gerais, pode-se dizer que a teoria de Ducrot é uma semântica argumentativa voltada para as questões de enunciação, na medida em que considera, na representação do sentido do enunciado, tanto a presença de diferentes vozes (polifonia) quanto a evocação de princípios argumentativos que dão a direção de como um dado enunciado deve ser interpretado numa situação x. (FLORES E TEIXEIRA, 2005, p. 70)



II - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR



No texto a seguir, disponível no AVA, você encontrará uma comparação entre a concepção de enunciação em Benveniste e em Ducrot.

BARBISAN, L. B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Letras**, nº 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos, 2007, p. 23-35.

Jacqueline Authier-Revuz

Jacqueline Authier-Revuz inscreve-se e se define como neo-estruturalista. A autora, assim como Benveniste, é herdeira do estruturalismo. Além dessa semelhança com Benveniste, os dois partilham outro interesse: a investigação das marcas de subjetividade na enunciação.

Por reconhecer que o campo da enunciação é marcado por uma heterogeneidade teórica, Authier-Revuz vê como inevitável o chamamento, para a descrição dos fatos da língua, de abordagens estranhas à linguística como tal.

Ela apresenta os conceitos de heterogeneidade mostrada e de heterogeneidade constitutiva, correspondentes a duas maneiras pelas quais se apresenta a alteridade no discurso.



Alteridade (ou **outridade**) é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende sozinho. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do «eu-individual» só é permitida mediante um contato com o outro (que em uma visão expandida se torna o Outro - a própria sociedade diferente do indivíduo).

Dessa forma eu apenas existo a partir do outro, da visão do outro, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>).

A heterogeneidade mostrada é realizada por meio do discurso direto, discurso indireto, aspas, glosas. Essas marcas contestam a homogeneidade do discurso. Já a heterogeneidade constitutiva não é marcada em superfície; ela é considerada um princípio que fundamenta a própria natureza da linguagem.

Authier-Revuz busca apoio em duas abordagens não-linguísticas da heterogeneidade constitutiva para sua abordagem dessa heterogeneidade do sujeito e do discurso. Ela recorre ao dialogismo bakhtiniano e à psicanálise freudo-laciana.

A autora toma o princípio do dialogismo - segundo o qual a interação com o discurso do outro é lei constitutiva do discurso. Ela trata do diálogo entre interlocutores e do diálogo entre discursos.

Quanto à psicanálise freudo-laciana, Authier-Revuz recorre a ela pela dupla concepção que apresenta de uma *fala fundamentalmente heterogênea* e de um *sujeito dividido*. (FLORES E TEIXEIRA, 2005, p. 75). Ela concebe o “outro” como condição constitutiva do discurso.



III - ATIVIDADE: LEITURA COMPLEMENTAR



Para conhecer mais sobre o trabalho desses teóricos da enunciação e para participar da atividade 20, é importante que você leia os seguintes textos que estão disponíveis no AVA e na internet:

WERNER, K. C. G. Os estudos da enunciação e a formação do professor de línguas. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/42318392/OS-ESTUDOS-DA-ENUNCIACAO-E-A-FORMACAO-DO-PROFESSOR-DE-LINGUAS>



IV - ATIVIDADE 22: WIKI - AS TEORIAS DA ENUNCIÇÃO

Neste último módulo, você vai realizar uma atividade avaliativa, diferente das realizadas nos módulos anteriores, chamada de wiki. Ela é uma atividade assíncrona de construção coletiva de um texto. Os participantes do curso criam e editam o texto em conjunto, porém todos têm o direito de modificá-lo livremente. Para isso, é importante haver um bom entrosamento dos participantes uma vez que todos devem estar comprometidos com a produção de um texto de autoria coletiva.

O texto a ser produzido deve ser do tipo dissertativo. Nele vocês vão expor os conhecimentos adquiridos

acerca dos estudos da enunciação, com base no que leram no guia impresso e nos textos indicados para leitura complementar.

Na introdução do texto, é importante que se apresente uma visão geral das teorias da enunciação. No desenvolvimento do texto, devem-se contemplar as seguintes questões:

- g) Qual é o principal representante dos estudos da enunciação?
- h) Qual é o objeto das teorias da enunciação?
- i) Como enunciação e enunciado são definidos?
- j) O que as teorias da enunciação incluem no objeto da linguística?
- k) Como se concebem a língua e a linguagem nas teorias da enunciação?
- l) Há um método específico utilizado nessas teorias?

No desenvolvimento, ainda, pode-se relacionar as teorias da enunciação às teorias estudadas nos módulos anteriores. Na conclusão do texto, pode-se tecer algumas considerações gerais sobre o que foi dito ao longo do texto e fazer uma apreciação do que propõe a Linguística da Enunciação.

Fique atento:

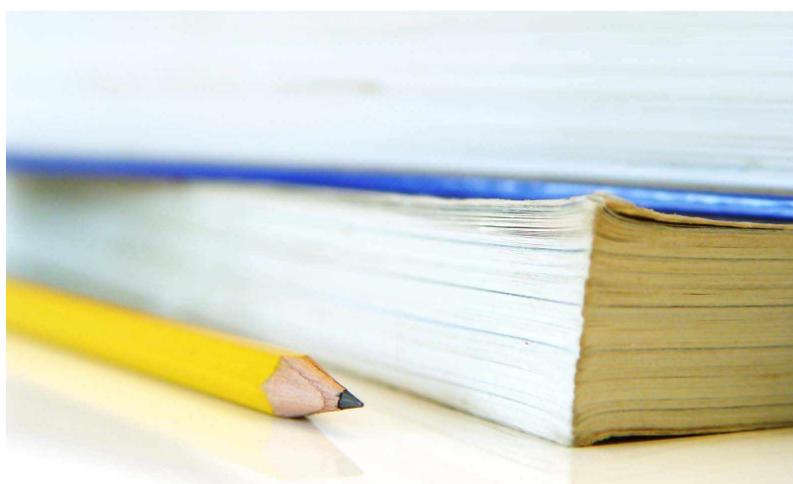
1. O tutor dividirá a turma em 4 ou 5 grupos, dependendo do número de alunos, e postará a nome dos integrantes no Fórum de Notícias;
2. Ao identificar a qual grupo você está vinculado, clique sobre o seu grupo e participe da construção do texto colaborativo (Grupo 1, 2, 3, 4 ou 5);
3. Você pode alterar o texto do seu colega, fazer correções e acrescentar a sua parte. Lembre-se: é uma escrita colaborativa!

LEMBRE-SE! A wiki é uma ferramenta que permite ao aluno construir um texto coletivo, ou seja, em grupo. Para a realização dessa atividade clique em wiki canto esquerdo e depois em editar (após a sua escrita) clique em salvar.

DICA: Na Wiki, cada um pode escrever o seu texto e também mudar os textos já postados pelos seus colegas, construindo uma escrita coletiva. Uma dica bem legal para identificar o que foi escrito e/ou modificado por cada participante é cada um escolher uma cor de fonte para a sua postagem. Não vale apagar todas as ideias dos colegas, mas sim, ir cada vez, melhorando a escrita do texto. Para mudar a cor basta selecionar com o cursor do mouse a parte do texto que deseja colorir. O ideal é que cada integrante do grupo escolha uma cor e, ao escrever seu texto, utilize apenas essa.



V - ATIVIDADE 23: CONTINUAÇÃO DA CRIAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO DA DISCIPLINA



Para concluir a elaboração de nosso glossário da disciplina, vamos, agora, inserir palavras ou expressões relativas ao que estudamos no módulo 5. Para isso, você deve selecionar duas palavras ou expressões e conceituá-las e/ou explicá-las. Para isso, como foi feito nos módulos anteriores, é importante reler o guia para esclarecer suas dúvidas.

As orientações para o desenvolvimento da atividade são as que você já conhece:

1. Clique em inserir novo item.
2. Digite o conceito e/ou explicação.
3. Clique em salvar mudanças.
4. Siga os mesmos procedimentos para inserção dos 2 itens.

Como é o glossário que estamos construindo é produto de um trabalho colaborativo, é importante que você acesse os itens inseridos por um/a colega, clique em “Comentário” e redija um comentário referente ao que ele/a escreveu sobre cada um dos dois itens.



VI - ATIVIDADE 24: ENVIO DE PORTIFÓLIO - PIPE1

Caro/a aluno/a, chegou a hora de você encaminhar para seu tutor o portfólio que produziu como resultado do PIPE 1, seguindo as orientações apresentadas nas páginas 15- 17 do módulo 1.

Espero que você tenha investido na realização da proposta do PIPE 1 ao longo de todo o curso para não ficar sobrecarregado/a agora.

Releia com bastante atenção as páginas mencionadas do módulo 1, onde estão as orientações sobre o PIPE e sobre o portfólio para esclarecer suas dúvidas e para se certificar de que fez seu trabalho em conformidade com a proposta.

Conte com seu tutor para esclarecer suas dúvidas.

Sucesso!



VII - REFERÊNCIAS

Módulo 5

- BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARBISAN, L. B. O conceito de enunciação em Benveniste e em Ducrot. **Letras**, nº 33 - Émile Benveniste: Interfaces Enunciação & Discursos, 2007, p. 23- 35.
- BARBISAN, L. B. & FLORES, V. do N. Apresentação: A enunciação em perspectiva. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 5-8, jan./mar. 2009.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- _____. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 3 ed. São Paulo: Pontes, 1991.
- DUCROT, Oswald. **Les mots du discours**. Paris: Minit, 1980.
- _____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- FLORES, V. do N. & TEIXEIRA, M. **Introdução à Linguística da Enunciação**. São Paulo: Contexto, 2005.
- JAKOBSON, R. Shifters, verbal categories and the Russian verb. **Selected Writings**, Haia, Mouton, pp. 130- 47, 1957.
- KERBRAT-ORECCHION, C. **L'enonciation. De la subjectivité dans le langage**. Paris: Armand Colin, 1980.
- MAGALHÃES, E. M.S. **A construção de instâncias enunciativas em textos escritos do português culto do Brasil**. Belo Horizonte, MG. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 1998.
- MALDIDIER, D; NORMAND, C.; ROBIN, R. Discurso e ideologia: bases para uma pesquisa. In: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura**. Campinas: Ed. Unicamp, 1994.
- ORLANDI, E. P. **O que é Linguística**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- PAVEAU, M. A. & SARFATI, G. E. **As grandes teorias da Linguística: da gramática comparada à pragmática**. São Carlos: Claraluz, 2006.
- VERNER, K. C. G. **Os estudos da enunciação e a formação do professor de línguas**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/42318392/OS-ESTUDOS-DA-ENUNCIACAO-E-A-FORMACAO-DO-PROFESSOR-DE-LINGUAS>
- <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>

ANOTAÇÕES